



*Revista do
Stemmario Trivulziano*



4ª Edição

2018. Edições Casa de Trivulzio-Galli

Sumário

Editorial.....	4
A Principesca Società Araldica Mesolcinese.....	6
PUBBLICAZIÖES DO ALMANACH DO STEMMARIO TRIVULZIANO: Genealogia da Casa de Saxe-Coburgo-Koháry	7
Histórico	7
Títulos dos Membros da Casa.....	8
Terra Brasilis e sua forma de fazer heráldica	15
Especial Heráldica: A criação do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora	20
Criação da Ordem das Damas Nobres (1770).....	21
Dissolução do Real Capítulo do Convento de São Jorge em Praga (1782).....	22
Criação do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora (1783)	23
Recepção das Canonisas Seculares da Imperial Abadia de Thorn (1795) e da Imperial Abadia de Essen (1803)	26
Bibliografia.....	31
Uma Princesa entre a Corte e o mato- THERESA DA BAVIERA.....	32
Bibliografia.....	51
PUBBLICAZIÖES DO ALMANACH DO STEMMARIO TRIVULZIANO: Genealogia da Casa Principesca de Carafa della Stadera.....	52
Dona Maria II – A rainha da regeneração	67
A Análise da Importância da Nobreza Atual.....	69
Imagem da Heráldica:	70



STEMMARIO TRIVULZIANO

S.A.S. o Príncipe Andre III Trivulzio-Galli, 14^o Príncipe Titular de Mesolcina e do Sacro Império Romano-Germânico, Patrono do Stemmario.

Membros Efetivos:

- Juan Carlos Novo y Sañudo, Conde de Norantola,
- Arturo Santoyo y Medina, Conde de Vicalvi,
- Pedro-Jose Bartolome y Fuentes, Conde de Castaneda,
- Oscar Jucá Neto, Conde de Anzone, III Barão de Rêgo-Lima,
- Fabiano Costa, Conde de Cebbia,
- Ivair Antonio Canetelli de Oliveira, Barão da Guarda,

Representantes:

Na Espanha: Pedro-Jose Bartolome y Fuentes, Conde de Castaneda,

No Brasil: Oscar Jucá Neto, Conde de Anzone, III Barão de Rêgo-Lima,

Em Portugal: Juan Carlos Novo y Sañudo, Conde de Norantola,

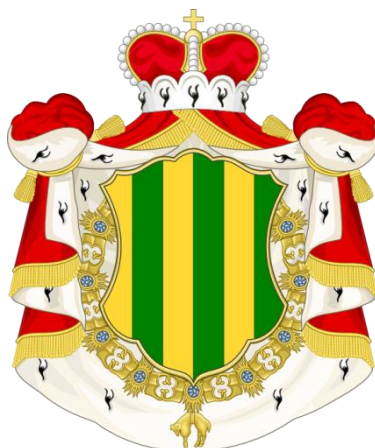
Na Argentina: Gustavo Alejandro Taricco Calvo, IX Conde de Stropo,

No México: Arturo Santoyo y Medina, Conde de Vicalvi,

Para esta, e para outras questões, entrem em contato com a Casa Princesca de Trivulzio-Galli e dê sua opinião, através do e-mail casademesolcina@gmail.com

Site: <https://www.mesolcina.com/heraldry-society>

Editorial



Afinal, o que é uma publicação de sucesso? Quais são os critérios para avaliar quais as publicações que valem a pena ser mantidas, e quais devem ser encerradas?

Alguns afirmam que o critério utilizado deve ser o de quais os leitores são pela publicação alcançada; já para outros, o critério é qual a extensão cultural da publicação...; para outros, porém, o critério a ser utilizado é qual o prazer que a publicação dá, aos seus autores, para ser criada.

Não importa, qual critério enumerado acima, utilizemos para avaliar a *REVISTA DO STEMMARIO TRIVULZIANO*, em todos os casos, os índices apontam que a Revista deve manter-se em circulação, uma vez que atinge um número satisfatório de leitores; bem como a extensão cultural da publicação é irrefutável – sendo hoje a única publicação contínua, nas Américas, a tratar sobre a cultura, história, genealogia e heráldica do Sacro Império Romano-Germânico, e daquela que convencionou-se chamar de *Mitteleuropa* –; bem como, o prazer que obtemos ao escrever e publicar este *Almanach*, é sem dúvida imensurável.

Por isso, desejamos a todos uma ótima leitura!

Fürst Andre III von Trivulzio-Galli und Mesolcina

Reichsfürst von Valmesolcina, Fürst von Trivulzio und Mesocco

Herzog von Alvito, Venosa und Bojano, Reichsgraf von Melzo und Gorgonzola usw.

Escreva para o Editor, através do e-mail andre@trivulziogalli.com.ar



 PRINCESA SOUZA

Sua Alteza Sereníssima o Fürst Andre III Prinz von Trivulzio-Galli, 14º Príncipe de Trivulzio-Galli, de Mesolcina, de Mesocco e do Sacro Império Romano-Germânico, Conde Imperial de Hinterrhein e Barão Imperial de Retegno e de Bettola, com os trajes de Grão-Mestre da Sacra Ordem Dinástica, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa. (Retrato oficial com o Hábito de Grão-Mestre da Sacra Milícia, tomada em 2017)

A Principesca Società Araldica Mesolcinese



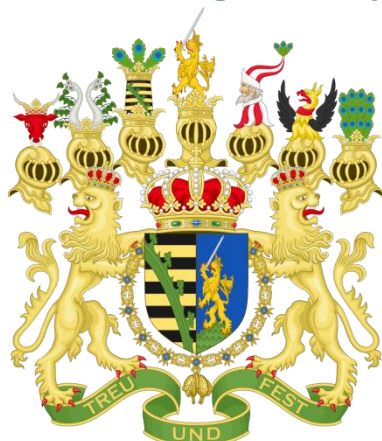
A Principesca Società Araldica Mesolcinese foi fundada no ano de 2005, como Fundação Principesca, por iniciativa de Sua Alteza Sereníssima o Príncipe Andre Prinz von Trivulzio-Galli, então Marquês de Maleo, que solicitou ao seu avô, Sua Alteza Sereníssima o Príncipe Vergínio I Fürst von Trivulzio-Galli, 12º Príncipe de Mesolcina e do Sacro Império Romano-Germânico, a criação desta Fundação Principesca.

O Objetivo de S.A.S. Andre Prinz von Trivulzio-Galli, com a criação da Sociedade Heráldica Mesolcinese era o de ensinar a ciência heráldica, matéria que o Príncipe Fundador estudou desde seus 7 anos de idade, de modo a que esta Ciência mantenha-se viva e operante.

A Società Araldica Mesolcinese cumpre seus objetivos originais, e é hoje o mais respeitado centro de formação de heraldistas no Brasil. Ganhou em 2017 o título de Principesca, junto de seu brasão de Armas.

É a Principesca Società Araldica Mesolcinese a mantenedora da presente publicação do <<Almach>> da Revista do Stemmario Trivulziano. Para conhecer as atividades acesse <https://www.mesolcina.com/heraldry-society> . Para fazer parte da Sociedade heráldica, envie e-mail para casademmesolcina@gmail.com

PUBLICAÇÕES DO ALMANACH DO STEMMARIO TRIVULZIANO: Genealogia da Casa de Saxe-Coburgo-Koháry



Genealogia da Casa de Saxe-Coburgo-Koháry

Histórico

A Casa de Saxe-Coburgo-Koháry surgiu com o casamento do Príncipe Ferdinand Georg August Prinz von Saxe-Coburg-Saalfeld, Duque da Saxônia, nascido em Coburg, em 28 de março de 1785; e falecido em Viena em 27 de agosto de 1851; que casou-se em Viena, em 30 de novembro de 1815 com a Princesa Marie Antonie Gabriele Fürstin von Kohary, nascida em Ofen, 2 de julho de 1797; e falecida em Viena, em 25 de setembro de 1862.

A Princesa Marie Antonie era a herdeira da Casa Princesca de Koháry, por ser a única filha do Fürst Ferenc József von Koháry, que sendo Conde de Koháry, recebeu o título Princesco em 15 de novembro de 1815 concedido pelo Imperador Francisco I da Áustria, que anteriormente foi o Sacro Imperador Romano-Germânico Francisco II.

Como Ferenc József Fürst von Koháry não teve filhos homens, sua única filha lhe sucedeu no título principesco, e nas imensas posses da Casa von Koháry, que então era a quarta mais rica de todo o Império Austro-húngaro. Pela sua incontável fortuna, atraiu casamento com Ferdinand Georg August, sendo este um dos príncipes cadetes da Casa Ducal de Saxe-Coburg-Gotha.

Ferdinand Georg August Prinz von Saxe-Coburg-Gotha passou a administrar a fortuna da família de sua esposa após a morte de seu sogro, que antes de morrer constituiu um fideicomisso, chamado de Fideicomisso de Coburg-Koháry, que possuía extensivas propriedades fundiárias na Baixa Áustria, Hungria e na atual Eslováquia, com mercadorias, florestas, minas e fábricas. Com cerca de 83.000 hectares, que pertenceram aos Saxe-Coburgo-Koháry até o final da II Guerra Mundial, constituindo a terceira maior proprietário de terras na Hungria. A propriedade foi resumida em dois Morgadios, governados em união pessoal pelo Duque de Saxe-Coburgo-Koháry. Devido à rica renda das possessões, a linha católica fundada por Ferdinand Georg de Saxe-Coburgo tornou-se financeiramente

completamente independente da Casa Reinante Ducal em Coburg. Como um sinal externo, os Fideikommissherren (líderes do fideicomisso) lideraram com o título Duque de Saxe-Coburg-Koháry.

Títulos dos Membros da Casa

O Chefe da Casa utiliza o título de Duque de Saxe-Coburg-Koháry, Fürst von Koháry, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia. O Príncipe herdeiro utiliza o título de Erbprinz von Koháry, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia.

Os demais Membros da Casa utilizam o título de Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Koháry.

Atual Chefe: Sua Alteza o Príncipe Philipp August Ferdinand, Duque de Saxe-Coburg-Koháry, Fürst von Kohary, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia

Ferdinand Georg August Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia (Coburg, 28 de março de 1785 - Viena, 27 de agosto de 1851); casado em Viena, em 30 de novembro de 1815 com Antonie Fürstin von Kohary (Ofen, 2 de julho de 1797 - Viena, 25 de setembro de 1862)

1a) Ferdinand August Franz Anton (1816-1885); casado em primeiras núpcias com a Rainha Maria II de Portugal, tornando-se, pelo seu casamento, **Sua Majestade Fidelíssima o Rei (Consorte) Fernando II de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar**; (genealogia aqui não relatada, por ser pertinente à Casa de Saxe-Coburgo-Bragança); casado em segundas núpcias em Lisboa, em 10 de junho de 1869 Elise Friederike Hensler, criada Condessa de Edla 1869 (Viena, 22 de maio de 1836 - Lisboa, 21 de maio de 1929)

2a) August Ludwig Viktor, **Duque de Saxe-Coburg-Koháry, Fürst von Kohary, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia** (Viena, 13 de junho de 1818 - Schloß Ebenthal, 26 de julho de 1881); casado em St.Cloud em 20 de abril de 1843 com a Princesa Clémentine d'Orléans (Neuilly-sur-Seine, 3 de junho de 1817 - Viena, 16 de fevereiro de 1907)

1b) Ferdinand Philipp Maria Augusto Raphael, **Duque de Saxe-Coburg-Koháry, Fürst von Kohary, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia** (Paris, 28 de maio de 1844 - Coburg, 3 de julho de 1921); casado em Bruxelas, em 4 de fevereiro de 1875 com Louise Princesa da Bélgica (Bruxelas, 18 de fevereiro de 1858 - Wiesbaden, 1 de março de 1924)

1c) Leopold Clemens Philipp August Maria, Erbprinz von Koháry, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, (Szent-Antal, Hungria, 19 de julho de 1878 - Viena, 27 de abril de 1916)

2c) Dorothea Maria Henriette Auguste Louise, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary, (Viena, 30 de abril de 1881-Taxis, Württemberg, 21 de janeiro de 1967); casada em Coburg, em 2 Agosto de 1898 com Ernst Günther, Duque de Schleswig-Holstein (Dolzig, 11 de agosto de 1863 - Primkenau, 22 de fevereiro de 1921)

2b) Ludwig August Maria Eudes, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Château d'Eu, 9 de agosto de 1845 - Karlsbad, 14 de setembro de 1907); casado no Rio de Janeiro em 15 de dezembro de 1864 com Leopoldina de Bragança, Princesa do Brasil (Rio de Janeiro, 13 de julho de 1847, Viena, 7 de fevereiro de 1871)

1c) Dom Peter August Ludwig Maria Michael Gabriel Raphael Gonzaga, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Rio de Janeiro, 19 de março de 1866 - Viena, 6 de julho de 1934)

2c) Dom August Leopold Philipp Maria Michael Gabriel Raphael Gonzaga, Príncipe do Brasil, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1867 - Schladming, 11 de outubro de 1922); casado em Viena, em 30 de maio de 1894 com a Arquiduquesa Karoline da Áustria, (Alt-Münster, 5 de setembro de 1869 - Budapeste, 12 de maio de 1945)

1d) Dom August Clemens Karl Joseph Maria Michael Gabriel Raphael Gonzaga, Príncipe do Brasil, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Pola, 27 de outubro de 1895 - Gerasdorf, 22 de setembro de 1909)

2d) Dona Klementine Maria Teresa Josepha Leopoldina Viktoria Raphaela Gabriele Gonzaga, Princesa do Brasil, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Pola, 23 de março de 1897-Lausanne, 7 de janeiro de 1975); (civ) Zurique, 10 de novembro de 1925 (religioso) em Coburg, em 17 de novembro de 1925 com Eduard von Heller (Cairo, 21 de março de 1877 - Bougy, St.Martin, Suíça, 6 de dezembro de 1970).

3d) Dona Maria Karoline Philomena Ignatia Pauline Josepha Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, Princesa do Brasil, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Pola 10 jan 1899-Schladming 6 jun 1941)

4d) Dom Rainer Maria Joseph Florian Inácio Michael Gabriel Raphael Gonzaga, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Pola 4 maio 1900-d.ca 7 jan 1945; acredita-se ter sido kaat Budapeste); casado em primeiras núpcias em Munique, em 15 de dezembro de 1930 (divorciado em 1935) com Johanna Károlyi de Károly-Patty (Salzburgo, 17 de setembro de 1906, Innsbruck, 17 de novembro de 1992); em segundas núpcias em Budapeste, em 13 de fevereiro de 1940 com Edith de Kozol (Budapeste, 31 de maio de 1913, Munique, 14 de agosto de 1997)

1e) Johannes Heinrich Friedrich Werner Konrad Rainer Maria, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Innsbruck, 28 de março de 1931 a 14 de abril de 2010); casado em primeiras núpcias em Munique, em 24 de outubro de 1957 (div 1968) com Marie-Gabrielle Prinzessin von Fürstenberg (Tinz bei Breslau, 22 de junho de 1921, Salzburgo, 5 de outubro de 2007); casado em segundas núpcias (civ) em Munique em 15 de outubro de 1968 (rel) Kloster Andechs 12 de novembro de 1968 (div 1993)e em terceiras núpcias com Mathilde Prinzessin da Saxônia (b.Bamberg 17 jan 1936)

1f) Felicitas Franziska Johanna Maria Gabriela Elisabeth Pauline Hélène Stephanie Leopoldine Alexandra Sophie Mathilde Josepha Karoline Imaculata Emanuela, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (b.Sorengo, 6 de abril de 1958); casada em Munich em 15 de Novembro de 1987 com Sergei Trotzky (b. Salzburg, 22 jun 1948)

2f) Johannes Albert Leopold Friedrich Christian, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Innsbruck, 17 de novembro de 1969-k, por acaso, Ortler, 21 de agosto de 1987)

5d) Dom Philipp Josias Maria Joseph Inácio Michael Gabriel Raphael Gonzaga, Príncipe do Brasil, Duque de Saxe-Coburg-Koháry, Príncipe do Brasil, Fürst von Kohary, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia¹ (Walterskirchen, 18 de agosto de 1901 - Viena, 18 de outubro de 1985); casado em Budapeste 23 de abril de 1944 com Sarah Aurelia Hálasz (Orsova, 8 de fevereiro de 1914 - Viena, 31 de dezembro de 1994)

¹ Por disposição testamentária do seu tio, o Príncipe Ferdinand Philippe, sucedeu como Duque de Saxe-Coburg-Koháry.

1e) Philipp August Ferdinand (b.Budapest, 3 de janeiro de 1944) Duque de Saxe-Coburg-Koháry, Fürst von Kohary, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia; casado em primeiras núpcias em Innsbruck, em 23 de setembro de 1968 com Bettina von Pfretschner (Viena, 11 de fevereiro de 1944, Viena, 30 de janeiro de 1989); e em segundas núpcias em 1 mar 1991 Rosemarie Jäger (b.Salzburg, 22 de outubro de 1952)

1f) Isabella, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (b.Viena, 12 de abril de 1969); casada em Setembro de 1999 Michael Treimer

2f) Maximiliano Erbprinz von Kohary, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia (b.Vienna, 20 de julho de 1972)

3f) Alexander Ernst, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary (b.Vienna 30 jun 1978)

4f) Christina Janine Roseanne, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (S. Salzburg 30 de setembro de 1995)

6d) Dona Theresia Christiane Maria Josepha Inácia Benizia Michaela Gabriele Raphaele Gonzaga, Princesa do Brasil, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Walterskirchen, 23 de agosto de 1902-Villach, 24 de janeiro de 1990); casada em Salzburg em 6 Oct 1930 Lamoral Barão von Táxis de Bordogna e Valnigra (Unter-Mais bei Meran 7 de dezembro de 1900-Trient 28 jan 1966)

::: Deste casamento surge o ramo dinástico dos Tasso Coburgo e Bragança, com Direitos ao Trono Imperial do Brasil :::

1e) Dom Lamoral Carlos Eduardo Omodeo Augusto Leopoldo Antônio José Maria Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, Barão von Bordogna und Valnigra (Gmunden, Áustria, 16 de Julho de 1931). Casado, em primeiras núpcias, com Denise Pais de Almeida (n. 1936), com quem não teve filhos. Casado em segundas núpcias (17 de janeiro de 1969), com a Arquiduquesa Walburga de Áustria, Princesa da Toscana, com descendência.

1f) Alfonso Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, Barão von Bordogna und Valnigra (30 de janeiro de 1970), casado com Charlotte de Panafieu.

1g) Pia Maria Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, Baronesa de Bordonha e Valnigra (nascida em Milão, na Itália, em 3 de Setembro de 2004)

2g) Taddeo Augusto Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, Barão de Bordonha e Valnigra (nascido em Paris, na França, em 5 de Novembro de 2011)

2f) Teresa Christina (28 de março de 1971), casada com Christian Marie José Roger André Hunt

3f) José (5 de outubro de 1972)

4f) Maria Leopoldina (28 de abril de 1974), casada com Alessandro Pavone)

5f) Carolina (17 de janeiro de 1976), casada com Sébastien Delcourt

6f) Antonio (5 de julho de 1979), casado com Gabrielle Tardieu condessa de Maleissye-Melun (2004)

1g) Armando,

2g) Pedro-Antonio

3g) Leopoldina.

7f) Fernando Carlos (11 de outubro de 1980 + 10 de dezembro de 1990)

8) Maria Aparecida (12 de julho de 1985)

2e) Baronesa Alice von Bordogna und Valnigra, casada com Michele Formentini, conde de Tolmino e Biglia.

3e) Barão Philippe von Bordogna und Valnigra, casado com Anna Maria Duarte Nunes, com quem teve apenas duas filhas.

4e) Baronesa Maria Cristina von Bordogna und Valnigra, casada com Raimondo Dettori.

7d) Dona Leopoldina Blanka Maria Josepha Ignatia Pankrazia Michaela Gabriele Raphaele Gonzaga, Princesa do Brasil, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Schloß Gerasdorf 13 maio 1905-Hungria 24 dez 1978)

8d) Ernst Franz Maria Joseph Inácio Thaddeus Felix Michael Gabriel Raphael Gonzaga, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Gerasdorf, 25 de fevereiro de 1907-Gröbming, Styria, 9 de

junho de 1978); m.Dürnkrut, Ebenthal 4 de setembro de 1939 Irmgard Röhl (Aue, Saxônia, 22 de janeiro de 1912-Rottenmann, 1 de janeiro de 1976)

3c) Dom Joseph Ferdinand Maria Michael Gabriel, Príncipe do Brasil, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary (Petrópolis, 21 de maio de 1869 - Viena, 13 de agosto de 1888)

4c) Dom Ludwig Gaston Klemens Maria (Ebenthal, 15 de setembro de 1870, Innsbruck, 23 de janeiro de 1942); casado em primeiras núpcias em Munique em 1 de maio de 1900 com Mathilde Prinzessin da Baviera (Villa Amsee, 17 de agosto de 1877, Davos, 6 de agosto de 1906); e em segundas núpcias em Bischofteinitz em 30 de novembro de 1907 Anna Condessa von Trauttmansdorff-Weinsberg (Ober-Waltersdorf, 27 de maio de 1873-Coburg, 24 de julho de 1948)

1d) Antonius Maria Ludwig Klemens Eugen Karl Heinrich August Luitpold Leopold Franz Wolfgang Peter Gaston Alexander Alfons Inácio Aloysius Stanislaus, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, (Innsbruck 17 Junho de 1901-Haar, 1 de setembro de 1970); casado em Steyr, Áustria em 14 de maio de 1938 com Luise Mayrhofer (Graz, 22 de junho de 1903, Steyr, 21 de outubro de 1974)

2d) Maria Immaculata Leopoldina Franziska Theresia Ildefonsa Adelgunde Klementine Hildegard Anna Josepha Elisabeth Sancta Angelica Nicoletta, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Innsbruck 10 de setembro de 1904 - Varese, Itália, 18 de março de 1940)

3d) Josefina Maria Anna Leopoldina Amalie Klementine Ludovica Theresia Gabriela Gonzaga, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Schloß Vogelsang, 20 de setembro de 1911-Stockdorf, 27 de novembro de 1997); Kitzbühel, Tirol, 12 de maio de 1937 (div 1945) Richard Frhr von Baratta-Dragono (Budischau, Morávia, 28 de novembro de 1901 - Viena, 14 de dezembro de 1998)

3b) Marie Adelheid Amalie Clotilde, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Neuilly 8 de julho de 1846-Alcsút, Hungria, 3 de junho de 1927); m.Coburg 12 de maio de 1864 Joseph, Arquiduque da Áustria (Preßburg 2 de março de 1833-Fiume, 13 de junho de 1905)

4b) Marie Luise Franziska Amalie, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Coburg, 23 de outubro de 1848 - Schloß Biederstein, 6 de maio de 1894); m.Ebenthal 20 set 1875 Maximilian Emanuel Duke na Baviera (Munique 7 dez 1849-Feldafing 12 jun 1893)

5b) Ferdinand Maximilian Karl Leopold Maria (1861-1948), Rei dos Búlgaros entre 1887-1918, Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary.

3a) Viktoria Franziska Antonia Juliane Luise, Prinzessin von Saxe-Coburg-Gotha, Duquesa da Saxônia, Prinzessin von Kohary (Viena, 14 de fevereiro de 1822 - Claremont House, 10 de novembro de 1857); casada em St.Cloud 26 abr 1840 com o Príncipe Louis d'Orléans Duque de Nemours (Paris 25 out 1814-Versailles 26 jun 1896) **deste casamento nasce Gaston d'Orléans, Conde d'Eu, que casa-se depois com a Princesa Dona Isabel do Brasil, dando origem ao ramo dinástico dos Orléans-Bragança.**

4a) Leopold Franz Julius (Viena, 31 de janeiro de 1824 - Viena, 20 de maio de 1884), Prinz von Saxe-Coburg-Gotha, Duque da Saxônia, Prinz von Kohary, casado (morganaticamente) em Viena em 23 de abril de 1861 com Constanze Geiger, criada Baronesa von Ruttenstein 24 de julho de 1862 (Viena 16 de outubro de 1835 - Dieppe, 24 de agosto de 1890)

1b) Franz Barão von Ruttenstein (Viena 12) Out 1860-Friedrichsroda 29 de agosto de 1899)

Tabela:

Em preto: Os Membros da Casa

Em negrito: Os Chefes da Casa

Em verde: Os que possuem (ou possuíam) direitos a linha de sucessão ao Trono do Brasil

Em negrito verde: Os Chefes da Casa que também estavam na linha de sucessão ao Trono do Brasil

Em negrito vermelho: Títulos do Chefe da Casa ou do Erbprinz

Terra Brasilis e sua forma de fazer heráldica



Pelo Dr.h.C. Paulo Roberto de Sousa-Fernandes, Conde de Colle d’Agnese,
Barão de Plattera, Ritter von Sousa-Fernandes,
Cavaleiro da Suprema e Insigne Ordem Trivulziana de Sua Alteza o Príncipe e de
São Miguel Arcanjo

Para elucidar um pouco esse método Brasileiro de fazer heráldica é necessário levarmos em conta alguns aspectos. Sua Alteza Don Andre Fürst von Trivulzio-Galli já postulava, anos atrás, com o que ele denominou de Escola Heráldica. Sabemos que a Heráldica é universal, mas ela se amoldou ao *modus vivendi* das pessoas onde ela era reproduzida. Os métodos mais clássicos: a escola da Centro-Europa, também chamada de Escola dos Estados do Sacro Império Romano-Germânico e a escola Ibérica, de Castela e Leão – bem como de Aragão, Majorca e *cia ldtá* – são grandes exemplos dessa diversidade. As peculiaridades dos Estados Soberanos e dos que pleiteavam a soberania mostrava à sua própria forma em sua heráldica.

É importante salientar o quão bem fez a Heráldica essas peculiaridades do todo. O enriquecimento de informações, de história, de caminhos trilhados. O que é a heráldica senão história? Quando o Brasil fora descoberto à heráldica já houvera se desenvolvido há muito na Europa, as Espanhas e Portugal compartilhavam um *modus operandi* semelhante de blasonar, França já tinha sua delicada arte de compor brasões. Áustria e Hungria, Alemanha e as regiões anexas, com uma marca muito presente da escola do Sacro Império Romano-Germânico, já tinham suas feitura de armas bem definidas e assim seguimos a linha daqueles Estados com mais presença da heráldica.

Desde o período Joanino até o fim do Segundo Reinado a heráldica em nossas terras tomou para si um pouco de tudo o que parte da Europa experimentou. No período Joanino até Dom Pedro I vivemos o costume ibérico, uma presença forte da heráldica hispânica e lusitana. Já com Dom Pedro II pudemos ver as nuances da heráldica mais à francesa. Neste interim, também experimentamos um pouco de uma característica da Escola Heráldica do Sacro Império-Romano-Germânico. Particularidade essa que já adianto: nas armas completas, o uso da coroa sobre o escudo e sobre o elmo. Tradicionalmente nós vemos, seja na heráldica ibérica ou francesa, o ‘coronel de nobreza’ por sobre o elmo diretamente. No Sacro Império essa característica pontual do coronel é intrigante porque o brasão pode simplesmente mostrar que o portador é nobilitado ou mesmo de qual forma a pessoa foi nobilitada.

Para exemplificar usarei aqui, na escola heráldica do Sacro Império, um brasão da qual eu sou o possuidor, mas na perspectiva explanativa do que citei acima:

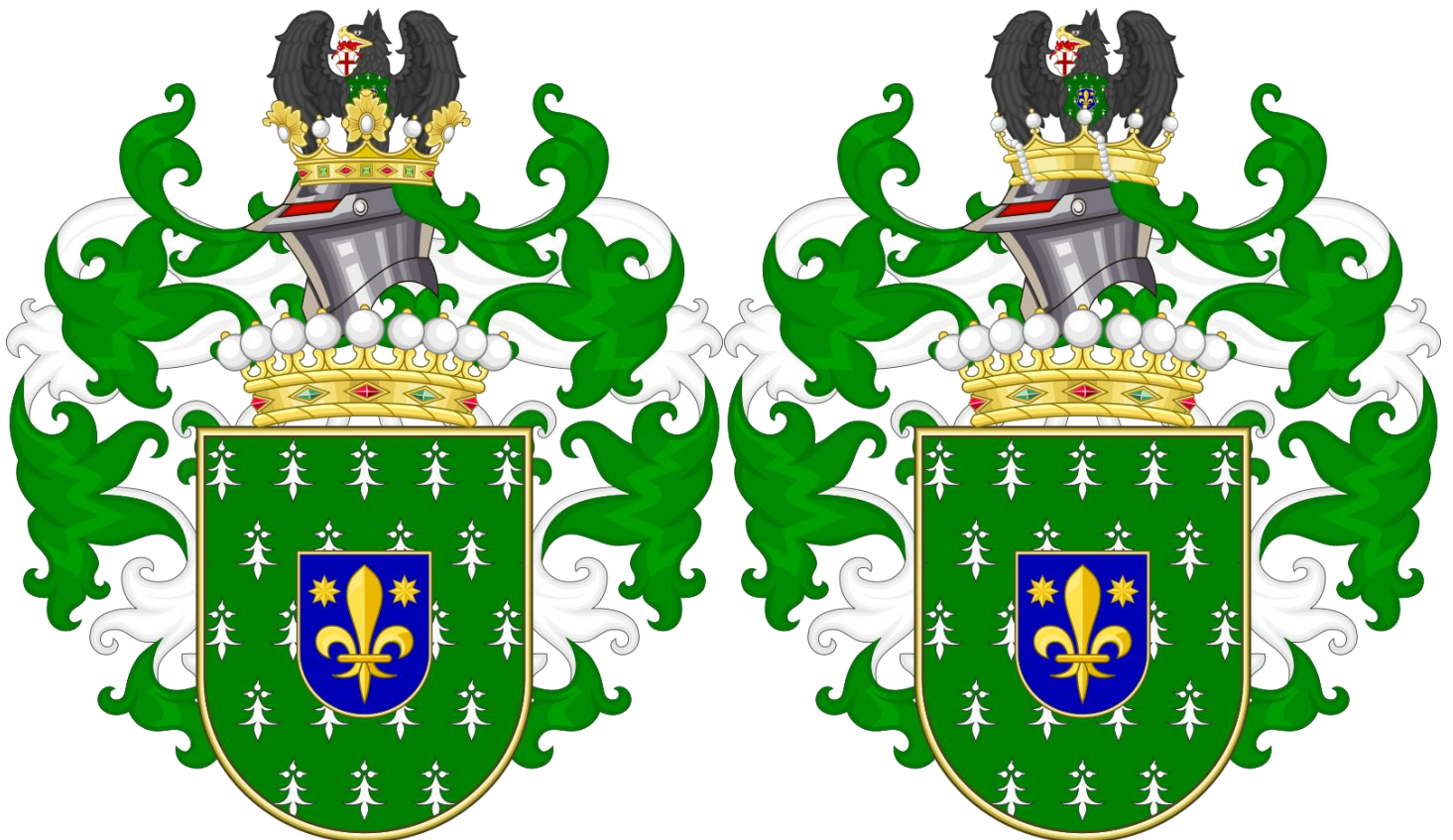
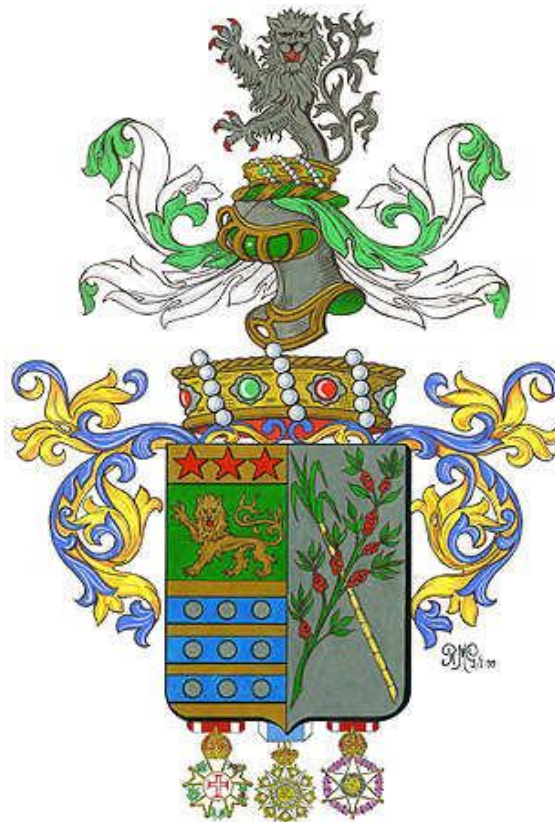


IMAGEM 1

IMAGEM 2

Podemos conferir as pequenas mudanças, são mínimas, mas que fazem toda diferença. No Principado de Mesolcina, que é parte da Escola Heráldica do Sacro Império Romano Germânico, é possível identificar a forma da titulação pela representação dos coronéis dispostos no brasão. Essa norma não se aplica somente ao Principado de Mesolcina, mas quase todos os Estados do Sacro Império Romano Germânico. Nessas Imagens 1 e 2 vemos a representação disso. Na imagem 1 percebemos sobre o escudo a coroa condal e sobre o elmo a coroa de nobreza alemã ou Helmkrone; neste caso vê-se bem que é um conde porque não há variação de titulação entre os coronéis. Já na segunda, temos uma particularidade. Por sobre o escudo há o coronel condal e por sobre o elmo o coronel de Ritter, Cavaleiro-Hereditário em nossa língua. O que quer dizer com isso. Pela aplicação disposta é – quase – possível ler a concessão destas armas. O primeiro dessas armas é Conde, ou seja, para o primeiro a titulação é *in vitae*, mas para a posteridade é de Cavaleiro-Hereditário. Curioso? Bem, alguns desenhistas compuseram, em suas interpretações, brasões assim para os Titulados do Império. Veja o exemplo abaixo:



Brasão do Barão de São Luís

Analisando as armas completas do Barão de São Luís é possível observar uma semelhança na forma em que foi desenhado. É semelhante aos dois brasões-exemplo que estão mais acima. Percebemos que há dois coronéis, um está disposto por sobre o escudo e o mesmo está colocado acima do elmo. No caso específico da *Nobreza Brasileira*, não houve nenhum título cuja carta de concessão se expedisse em hereditariedade, logo a associação que fiz com os dois brasões (imagem 1 e 2) não é cabível aqui. Todos eles foram títulos *in vitae*. Agora, claro, não invalida a forma do desenho. Aqui cabe um pouco do saber sobre as nuances da Concessão dos Títulos. Mesmo os descendentes dos nobilitados brasileiros não tinham direito a portar as mesmas armas e títulos de seus antepassados.

Já tendo compreendido um pouco essa nuance específica, o Brasil deixou um pouco essa tradição e adotou a francesa como inspiração. É sabido que o II Rei-de-Armas do Império do Brasil era francês. Quando Possidônio (Primeiro Rei-de-Armas) falecera, Luis Aleixo Boulanger assumiu o Cartório de Fidalguia. Apesar de seu maior trabalho – ou pelo menos mais notório – ter sido a eterna busca das Carta d’Armas ‘perdidas’ com a doença de Possidônio, sua forma de blasonar – aqui leia-se conceber – armas era à moda Francesa. Brasões mais simples, sem muitas estruturas heráldicas. Uma forma simultaneamente mais limpa e simplória. Acompanhe:



Brasão do Barão de Jaraguá



Brasão da Baronesa de Sertório

Agora podemos ver formas mais simplistas de representar o brasão. Na ilustração do Barão de São Luís nós vimos elmo, paquifes, virol. Uma expressão mais completa das armas. Já aqui tanto no caso da Baronesa de Sertório quanto do Barão de Jaraguá vemos um escudo e seus respectivos coronéis, há uma diminuição do, por assim dizer, aparato heráldico. Desses e de outros é possível obter algumas imagens, para os amantes desta bela arte – que é a heráldica – numa composição chamada “Arquivo Nobiliarquico Brasileiro” ainda é possível ver algumas descrições e tendo-as por base se pode recriar a imagem do brasão.

A expressão das tradições, das peculiaridades, do espaço-e-tempo é registrada na heráldica. Por mais particular que seja, ela nunca deixará a universalidade histórica. Suas raízes são, indubitavelmente, mergulhadas e entremeadas de curiosidades. A disposição, nossa, de ver essa história é o que realmente importa. Muitos outros aspectos poder-se-iam ser explorados. Caro leitor, meu intuito não foi mostrar as diminutas diferenças, mas, tentar – de uma forma básica – caminhar pela história heráldica de nossa *Terra Brasilis*.

Dedico meus agradecimentos a Sua Alteza Sereníssima o Senhor Príncipe Don Andre III Fürst von Trivulzio-Galli de quem pude beber dessa história da heráldica universal e pelo espaço cedido.

Especial Heráldica: A criação do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora



20

Por Sua Alteza Sereníssima o Príncipe Andre III Fürst von Trivulzio-Galli und
Mesolcina,
14º Fürst von Mesolcina
Fürst von Trivulzio

A história do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, está ligado a três importantes feitos da história, o primeiro, foi a criação da Ordem das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, Ordem Dinástica criada pelo Fürst Domenico II Trivulzio-Galli de Mesolcina em 1770; o segundo foi a dissolução, no ano de 1782 do Capítulo Real São Jorge no Hradschin em Praga, feita pelo Sacro Imperador José II de Habsburgo; e o terceiro foi a dissolução de duas importantes Abadias Femininas, dedicadas exclusivamente para mulheres da Nobreza, a Abadia-Principesca das Canonisas Seculares da Imperial Abadia de Thorn (1795) e da Imperial Abadia de Essen (1803).



Brasão da Ordem das Damas Nobres de N. S. Auxiliadora

Analisemos cada evento separadamente:

Criação da Ordem das Damas Nobres (1770)

A Princesca Ordem Dinástica das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora nasceu em 1770, quando Sua Alteza Sereníssima o Fürst Domenico II Trivulzio-Galli, Príncipe Soberano de Mesolcina e do Sacro Império Romano-Germânico, decidiu criar uma Ordem para comemorar o seu casamento com a Princesa Maria Gabriella Scarampi, filha do Marquês de Prunetto e Levice.

Como modo de homenagear a esposa, que se chamava Maria, Domenico II escolheu por Padroeira da Ordem Nossa Senhora Santa Maria Auxiliadora dos Cristãos, uma homenagem Mariana surgida em 1571, quando os Cavaleiros da Santa Liga combateram os muçulmanos em Lepanto.

A Ordem de Nossa Senhora Auxiliadora somente poderia aceitar mulheres, que sendo Damas da Ordem receberiam a Condecoração em um nível único, que era o de Nobre Dama (do Grão-Colar) de Nossa Senhora Auxiliadora. As Damas condecoradas com a Ordem deveria obrigatoriamente professar a Fé Católica, além de serem membros da Nobreza Europeia.

O primeiro Grão-Magistério da Ordem foi compartilhado entre a Princesa Elisabetta della Torre, Fürstinwitwe (Fürstin Viúva) de Trivulzio-Galli de Mesolcina, que era a viúva de Domênico I Trivulzio-Galli e mãe de Domênico II, e a Fürstin Maria Gabriela Scarampi, esposa de Domênico II.



Condecoração da Ordem das Damas Nobres da Ordem de Nossa Senhora Auxiliadora, com sua fita rosa e branca.

O Grão-Magistério da Ordem foi sempre conferido a esposa do Fürst (Príncipe Soberano), sendo que em 1816, a pedido do Fürst Andre I Trivulzio-Galli, o Papa Pio VII definiu como sendo o dia da Festa de Nossa Senhora Auxiliadora o dia 24 de maio, sendo este dia escolhido pelo Pontífice por ter sido libertado do cativo napoleônico.

O número de Damas, originalmente fixado em 21, foi suplementado em 1870, quando do Aniversário do I Centenário da Ordem, a Grã-Mestra Fürstin Rosa Edoarda, esposa do Fürst Angelo I Trivulzio-Galli aumentou o número de Damas, criando outras três Categorias de Damas, além das 21 Damas do Grão-Colar: As Damas Nobres da Grã-Cruz, as Damas Nobres Grandes Oficiais, e as Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora.

Numerosas Rainhas e Princesas europeias foram Damas Nobres da Ordem de Nossa Senhora Auxiliadora ao longo dos anos, sendo que a Ordem sempre fora mantida restrita às Damas Católicas, cuja vida fosse tida como ilibada.

Dissolução do Real Capítulo do Convento de São Jorge em Praga (1782)

Foi o convento mais antigo das Terras Boêmias fundado em 973 pelo Príncipe Boleslav II para a sua irmã a Princesa Mlada. A Abadessa de foi nomeada Princesa-Abadessa em 1348 com o direito de coroar as Rainhas da Boêmia. Durante o reinado de José II, o Capítulo foi abolido no ano de 1782.

O antigo mosteiro de São Jorge (Czech Klášter svatého Jiří) com a basílica associada estava localizado em Praga, na parte oriental do Castelo de Praga, perto da Catedral de São Vito. A igreja foi construída antes de 921 como a terceira igreja mais antiga da Boêmia. Fundada em 976, a Abadia Beneditina foi o primeiro mosteiro do país. Na Idade Média, a casa religiosa estava intimamente ligada à dinastia governante dos Premyslids, de cujas fileiras vieram muitas abadessas. A Abadia experimentou seu auge como centro cultural e seu *scriptorium* sob a Abadessa Kunigundeno, no início do século XIV. Após a destruição nas guerras hussitas, o monastério persistiu até 1782.



O exemplo típico de uma Princesa, que foi Abadessa Honorária

Por volta de 973-976, Mlada, filha do duque Boleslav I, fez uma viagem diplomática a Roma, onde recebeu a permissão papal para fundar uma diocese e um mosteiro beneditino na Boêmia. Ela aceitou o nome religioso de Maria e trouxe um grupo de virgens consagradas de Roma. Mlada foi consagrada após seu retorno à primeira abadessa do mosteiro.

O ano de fundação do mosteiro é tido como o ano de 976. Quanto à possessão do mosteiro, deve-se assumir que já no início possuía numerosos bens, mesmo que atualmente falte informações precisas acerca do número ou tamanho dessas posses. A questão de por que o mosteiro mais antigo da Boêmia era um convento de mulheres e que pertencia ao primeiro grupo que veio de Roma para Praga permanece sem resposta até nossos dias.

Depois de 976, o primeiro edifício do mosteiro foi erguido no lado norte da basílica e a igreja passou a ser usada como uma igreja do mosteiro. O edifício original de três naves foi suplementado por um coro ocidental, arquibancadas para as freiras e uma cripta foi criada. O mosteiro foi nos primeiros dias também um local de sepultamento dos Premyslids. Só mais tarde os membros da dinastia reinante foram enterrados na Catedral de São Vito.

Desde o início, o mosteiro georgiano foi considerado uma fundação principesca. O príncipe tinha o direito de supervisionar e proteger o mosteiro e o convento. Por um lado, essa proteção dava à abadia uma posição de destaque entre os mosteiros boêmios, por outro lado, também poderia significar uma certa forma de restrição e um obstáculo no caminho para a completa independência. Mulheres da família Premyslid frequentemente tomavam o posto Abacial, muitas vezes à custa da abdicação forçada da legítima Princesa-Abadessa - como ocorreu em 1302, quando a abadessa Sophie favoreceu a volta de Kunigunde. A transferência de outro pedido também ocorreu. Agnes, filha do rei Vladislav II, saiu diretamente do mosteiro premonstratense em Doksany para o posto de abadessa do Capítulo de São Jorge. Apesar dessa conexão com a dinastia, as abadessas do mosteiro georgiano eram administradoras responsáveis da igreja, do mosteiro, do convento e de todas as suas propriedades.

Criação do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora (1783)

Com a dissolução do Convento de São Jorge, em Praga, uma vez que a história do mosteiro terminou em 7 de março de 1782, quando um Decreto

Imperial foi emitido para sua dissolução. O Decreto causou a indignação dos cidadãos de Praga, que exigiram a renovação da Abadia, mas os edifícios foram transferidos para a posse dos militares, e no interior fora criado um quartel, e o Direito da Princesa-Abadessa de coroar a rainha da Boêmia, foi transferido para a Princesa-Abadessa do Capítulo Theresiano de Praga.

Com o fim da Abadia, 7 monjas se transferiram para as terras da Casa de Trivulzio-Galli, e se colocaram abaixo do Patronato do Fürst Domenico II, que as acolheu e as transferiu, em 1783 primeiro para Melzo, onde foram alojadas na propriedade principesca, e depois para Mesocco, sempre abaixo da Proteção Principesca.



Arquiduquesa Maria Antonia da Áustria, Princesa da Toscana, em vestes de Abadessa Honorária

Após a chegada das freiras, transferidas da Abadia de São Jorge em Praga, restava à questão da organização religiosa da nova casa, sendo decidido pelo Fürst que as freiras manteriam sua Regra Beneditina, porém que a Abadessa seria sua

esposa, a Fürstin Maria Gabriella Scarampi, que seria representada junto ao Mosteiro Princesco por uma Madre Superior.

A Fürstin Maria Gabriella colocou então o Convento abaixo da Proteção da Ordem das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, da qual era Grã-Mestra, determinando que apenas poderiam ser admitidas na vida conventual Damas da própria Ordem, que sendo solteiras, ou viúvas, decidissem entrar na vida religiosa.

As sete monjas originais foram todas aceitas como Damas Nobres da Ordem de Nossa Senhora Auxiliadora, porém sem contar para o número de 21 Damas que a Ordem poderia ter, e entre elas, a Irmã Josepha Maria von Fürstenberg-Stühlingen foi escolhida pela Abadessa como Madre Superior, e assim representante da Fürstin na vida cotidiana da comunidade.

A Fürstin Maria Gabriella foi recebida como Abadessa da nova Comunidade religiosa em uma solene Missa, presidida pelo Bispo de Como; chegando à Celebração em uma carruagem dourada, puxada por seis cavalos, todos brancos, e guiados por lacaios com librés da Casa Princesca. A Fürstin trajava vestido negro, civil (para acentuar sua vida leiga), porém com um manto negro (cor beneditina), forrado de arminhos e bordado com a Cruz da Ordem das Damas Nobres ao lado esquerdo. Recebeu o Báculo das mãos de seu esposo, o Fürst Domenico II, bem como do Bispo recebeu o anel e a cruz peitoral. Usou na cabeça o barrete como Fürstin de Mesolcina, e sentada no Trono, teve a mão beijada pelas freiras de seu Convento.

Após a Missa em que tomou posse como Abadessa [honorária] Fürstin Maria Gabriella passou a ser chamada pelas monjas como Fürstäbtissin², ou seja, Princesa-Abadessa, título esse que suas sucessoras enquanto Grã-Mestras da Ordem das Damas Nobres de N. S. Auxiliadora, mantiveram.

Fürstin Maria Gabriella determinou que aquelas Damas Nobres que entrassem no Convento, poderiam a qualquer hora abandonar a vida religiosa para se casarem e constituírem família, e para garantir isso, os Votos Solenes como Monjas dessas Damas Nobres não poderiam ser tomados antes dos 40 anos dessas mulheres (vez que, se não cassassem até os 40 anos, o casamento então seria quase impossível).

Nos primeiros anos 14 Damas Nobres da Ordem de Nossa Senhora Auxiliadora (nove delas viúvas e idosas, e cinco delas solteiras, que depois casaram-se e deixaram o Mosteiro) entraram para o Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora. O Fürst, para garantir o sustento do monastério, concedeu ao mesmo numerosas propriedades e casas, sendo todo patrimônio

² Não confundir com o título de Reichsäbtissin (Abadessa do Sacro Império), título esse utilizado pelas Princesas-Abadessas que eram Chefes de um Estado abaixo do Sacro Império Romano-Germânico, como as antigas Princesas-Abadessas do Real Capítulo de São Jorge de Praga o eram.

governado pela Abadessa [sua esposa] e gerido em seu nome pela Madre Superior; assim não faltou conforto para às Damas do mesmo.

Foi permitido que todas as Damas que entrassem no Convento tivessem quartos separados, que poderiam mobiliar e decorar livremente, sendo inclusive permitido que contratassem criadagem particular, porém também havia criadagem do próprio Convento, para aquelas que não o quisessem ter sua própria.



Brasão do Convento das Damas Nobres, com as Armas das antigas Abadias de São Jorge de Praga (1º campo), de Thorn (2º campo) e de Essen (3º campo, em goles). Escudo oval (por ser um Convento feminino) posto sobre a Cruz da Ordem das Damas Nobres, báculo d'ouro com véu de prata, cruzado em banda, por ser Abadia Princesca, mesmo que em caráter honorário.

Recepção das Canonisas Seculares da Imperial Abadia de Thorn (1795) e da Imperial Abadia de Essen (1803)

No ano de 1795 foi extinta a Abadia Imperial de Thorn, na atual Holanda. Tal Abadia era, como o próprio Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, reservado apenas para mulheres da Alta Nobreza.

Fundada no século X; a independência terminou em 1794, quando foi ocupada por tropas francesas. A abadia era *reichsunmittelbar* e pertencia ao Círculo do Baixo Reno-Westfaliano. Detalhes da fundação da abadia não são claros. Segundo algumas fontes, a abadia foi fundada pela Condessa Hilswind em 902 para ela e sua filha Beatrix. Ela doou a terra necessária, que havia sido propriedade pessoal, dada à condessa pelo rei Zwentibold. Outras fontes afirmam que um mosteiro duplo beneditino foi fundado pelo Bispo Ansfried de Utrecht e sua esposa Hereswint em 925. Uma igreja românica da abadia foi construída em 992; algumas fontes dão isso como o ano em que a Abadia foi fundada.

As Canonisas-Seculares apenas eram admitidas entre mulheres da alta nobreza. É provável que Thorn tenha pertencido originalmente à ordem beneditina. Isso provavelmente mudou, no entanto, no século XII, para uma Abadia de Canonisas-Seculares. Em 1310, os canhões seculares da Abadia enfatizavam seu status secular em uma tentativa de afirmar que nunca teria sido beneditina.



Brasão completo do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, com as Armas dos Príncipes de Mesolcina, da Ordem das Damas Nobres de N.S. Auxiliadora, e das antigas Abadias de São Jorge de Praga, de Thorn e de Essen.

No século XVIII, as Canonisas-Seculares eram, em princípio, obrigadas a residir na Abadia durante todo o ano, com exceção de no máximo seis semanas por ano. No entanto, com o pagamento de 600 florins, as mulheres podiam comprar a liberdade de viver fora da Abadia. Em teoria, as Canonisas-Seculares ainda eram obrigadas a fornecer seis semanas por ano de serviço coral junto à Abadia; isso nem sempre foi observado na prática. Algumas senhoras ocuparam cargos em várias abadias. Essa possibilidade de comprar a liberdade parece ter sido usada com frequência. Maria Josepha von Hatzfeld und Gleichen, por exemplo, foi membro das abadias de Thorn e Essen por 46 anos. Durante esse tempo, ela residiu na Abadia de Essen por quatro anos, mas nunca em Thorn.

O terreno da Abadia continha uma construção de cúria para a Abadessa e cinco casas para as senhoras. No século XIV, uma nova igreja Abacial foi construída em estilo gótico. Algumas senhoras construíram casas do lado de fora do terreno da Abadia. O território na qual a Princesa-Abadessa exercia suas funções de Soberania, cobria cerca de 1,5 quilômetros quadrados, com 3400 habitantes em 1790. O território foi conquistado pelas tropas francesas em 1794 e formalmente anexado pela França em 1795. Em 1815, o Congresso de Viena adjudicou o território ao Reino dos Países Baixos.

Com a dissolução da Abadia de Thorn, A Princesa-Abadessa, Maria Kunigunde Dorothea Hedwig Franziska Xaveria Florentina Princesa da Saxônia, negociou a admissão de 5 Canonisas-Seculares junto ao Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, o que fora permitido pelo Fürst Domenico II von Trivulzio-Galli und Mesolcina. Fürstin Maria Gabriella as recebeu todas na Ordem das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, facilitando assim o ingresso das mesmas junto ao Convento das Damas Nobres.



Princesa Maria Kunigunde da Saxônia, Princesa-Abadessa das Abadias de Thorn e de Essen, em trajes civis, com o manto negro forrado de arminhos.

Já no ano 1803 foi à vez da extinção da Abadia Imperial de Essen, na Alemanha. Fundada no ano de 845, a Abadia de Essen sempre foi lar para as infantas da alta nobreza alemã. Além da Princesa-Abadessa, as Canonisas não fizeram votos de celibato perpétuo, e foram capazes de deixar a abadia para se casarem; eles viviam confortavelmente em suas próprias casas, vestindo roupas seculares, exceto quando desempenhavam papéis clericais, como cantar o Ofício Divino. Um capítulo de Cônegos do sexo masculino também foi anexado à Abadia, sob um reitor. No período medieval, a Abadessa exercia as funções de bispo, exceto os sacramentais, e os de um governante, sobre as propriedades muito extensas da abadia, e não tinha superior clerical, exceto o papa.

Em 1802 o território foi ocupado por tropas prussianas. A Abadia foi dissolvida em 1803. O território espiritual de três milhas quadradas passou para a Prússia, depois entre 1806/1807 e 1813 para o Ducado de Berg e depois para a Prússia novamente. A última Princesa-Abadessa, Maria Kunigunde von Sachsen, morreu em 8 de abril de 1826 em Dresden, Corte de seu pai.

Com a dissolução da Abadia de Essen, novamente coube à Princesa-Abadessa Maria Kunigunde da Saxônia, negociar outra vez com a Fürstin Maria Gabriella, para que 9 Canonisas-Seculares da Abadia de Essen pudessem ser transferidas para o Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, o que fora facilitado pelo Fürst Andre I von Trivulzio-Galli und Mesolcina. Fürstin Maria Gabriella as recebeu todas na Ordem das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, possibilitando assim o ingresso das mesmas junto ao Convento das Damas Nobres.



Condessa Franziska Christine von Pfalz-Sulzbach (1696 - 1776), Fürstäbtissin von Thorn, com seu Hábito como Princesa-Abadessa de Thorn

Até essa data, não havia sido ainda definida uma Regra de Vida Religiosa para as Damas do Convento, vez que, as primeiras Monjas, vindas do Capítulo Real de São Jorge de Praga, que guardavam a Regra de São Bento, não haviam tido da parte do Fürst Domenico II autorização para filiar o Convento das Damas Nobres à Ordem Beneditina. Agora, com a chegada das Canonisas-Seculares da Abadia de Essen, que guardavam de modo limitado, a Regra de Santo Agostinho surgiu uma contenda pela questão. O conflito entre ambas as Regras (a de São Bento, pelas Monjas do antigo Capítulo Real de São Jorge; e a de Santo Agostinho, pelas Canonisas-Seculares da Abadia de Essen, que resistiam em perder seus privilégios) foi resolvido pela Princesa-Abadessa Fürstin Maria Gabriella, que determinou que todas as Damas que vivessem no Convento das Damas Nobres deviam ser Canonisas-Seculares, porém seguindo, no que fosse aplicável, a Regra de São Bento. Dessa forma, as Canonisas-Seculares não perderam seu estilo de vida, podendo manter, no cotidiano, seus trajes civil, e as antigas Monjas não perderam sua Regra Religiosa.

Fora definido que, definitivamente as Damas Nobres que morassem no Convento poderiam manter trajes civis, porém fora estipulado um Hábito Religioso simples, a ser utilizado em Ofícios Religiosos. Tal Hábito era composto por um vestido preto, de estilo livre a ser definido pela Dama, e por um manto, também preto, de desenho comum a todas.

Dessa forma o Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, foi caracterizando-se mais como uma casa onde as filhas das Nobres Famílias da Europa Católica poderia esperar, comodamente por seus futuros maridos, do que um convento religioso habitual. Todavia o caráter da vida religiosa era assegurado por Missas diárias, bem como pela recitação do Santo Rosário e das Horas Canônicas pela Comunidade.

Fora permitido que as Canonisas-Seculares que antes viviam fora de suas Abadias, construíssem mansões próprias, onde poderiam viver, sempre abaixo da proteção do Fürst, bem como, aquelas que antes havia comprado sua liberdade, de viverem fora das Abadias, que as mantivessem, desde que observado o decoro das práticas do Convento das Damas Nobres, e a obediência à Princesa-Abadessa, que sempre buscava facilitar ao máximo o casamento daquelas que estivessem ainda em idade nubente.

Após a morte da Fürstin Maria Gabriella, suas funções como Princesa-Abadessa [Honorária] foram assumidos pela Princesa Alfonsina Trivulzio-Galli di Alvito, Princesa de Colubrano, como Primeira-Dama da Ordem, até que o Fürst Andre I casou-se com a Fürstin Camilla Colonna, que assumiu as funções como Grã-Mestra da Ordem das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora, e por consequência, de Princesa-Abadessa do Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora. Após a morte do Fürst Andre I, em 1830, o posto de Princesa-Abadessa passou para a Fürstin Camilla Piccolomini, esposa do Fürst Andre II.

Consolidou-se assim a tradição de que sempre seria a esposa do Fürst a ser a Abadessa Honorária do Convento das Damas Nobres. Após o fim do Domínio da Casa da Áustria sob o Norte da Itália, em 1866, e por consequência, o fim dos últimos domínios temporais dos Príncipes de Mesolcina, o Fürst e os demais membros da Casa Principesca transferiram Sua Residência para as Suas propriedades no Império Austro-húngaro, e algumas das Canonisas-Seculares do Convento das Damas Nobres acompanharam os Príncipes, e se estabeleceram em Budapest, em um palácio reservado pelo Fürst Angelo I Trivulzio-Galli und Mesolcina, para esta finalidade.

Desta forma, o Convento das Damas Nobres de Nossa Senhora Auxiliadora manteve-se até 1920, sempre recebendo Damas Nobres da Ordem de Nossa Senhora Auxiliadora, que por um motivo ou outro, colocavam-se abaixo da Proteção Princesca, para manterem-se em boa condição socioeconômica perante a sociedade, quer fossem jovens da Nobreza, a espera de casamento, quer fossem senhoras viúvas, que as circunstâncias obrigaram a viverem em dificuldade, e assim procuravam a vida no Convento.

Bibliografia

Ute Küppers-Braun: Macht in Frauenhand – 1000 Jahre Herrschaft adeliger Frauen in Essen. Essen 2002.

Torsten Fremer: Äbtissin Theophanu und das Stift Essen. Verlag Pomp, 2002, ISBN 3-89355-233-2.

Kahsnitz, Rainer, "The Gospel book of Abbess Svanhild Essen in the John Rylands Library, I", 1971, Bulletin of the John Rylands Library, John Rylands University Library, Manchester, ISSN 0301-102X,

Derolez, Albert (1999). Corpus Catalogorum Belgii: Counts of Flanders, Provinces of East Flanders, Antwerp and Limburg. Paleis der Academiën. pp. 201–202.

Verspaandonk, J. A. J. M. (1875). Het hemels prentenboek: Devotie- en bidprentjes vanaf de 17e eeuw tot het begin van de 20e eeuw. Hilversum: Gooi en Sticht. p. 9. ISBN 9030400641.

Gerhard Taddey: Reichsstift Thorn, in: Ders (ed.): Lexikon der deutschen Geschichte. Ereignisse – Institutionen – Personen. Von den Anfängen bis zur Kapitulation 1945, Kröner-Verlag, Stuttgart, 1983, ISBN 3-520-80002-0

Irene Crusius (ed.): Studien zum Kanonissenstift, Göttingen, 2001

Uma Princesa entre a Corte e o mato- THERESA DA BAVIERA



32

Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança³, em palestra pronunciada na sessão de 05/05/2014 do Instituto Histórico de Petrópolis – IHP.

O Brasil sempre foi uma grande atração para os botânicos e etnólogos. Sobretudo os cientistas de língua alemã se distinguiram.

Entre os primeiros que se notabilizaram, encontrava-se Maximiliano de Wied-Neuwied, o qual se aventurou no nosso interior de 1815 a 1817.

Numa obra notável e ricamente por ele ilustrada, tornou o Brasil mais conhecido. Se até então uma grande parte de exploradores eram colecionadores, com a vinda de Dona Leopoldina ao Brasil isto mudou.

Uma série de cientistas aproaram, em grande parte financiados pelos seus soberanos.

Longa seria esta relação, mas não podemos nos subtrair de mencionar von Martius e von Spix. Mundialmente são conhecidas as obras destes eminentes sábios, que percorrendo o Brasil entre 1818 e 1820 deixaram, entre as inúmeras obras, a famosa “Flora Brasiliensis” universalmente conhecida, que Oliveira Lima denominou como “um dos mais notáveis monumentos da mente humana”.

³ Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo (Koháry) e Bragança, Barão de Bordogna und Valnigra, Chefe do Ramo Coburgo da Casa Imperial do Brasil. Dom Carlos Tasso é Bailio-Cavaleiro da Grã-Cruz de Honra e Devoção da Soberana e Militar Ordem de São João de Jerusalém, dita de Rodes, dita de Malta; Grã Cruz de Justiça da Ordem Constantiniana de São Jorge; Grã Cruz da Ordem Equestre do Santo Sepulcro.

Não devemos esquecer também o grande naturalista Pohl, com a sua importante obra publicada entre 1832 e 1837, sobre a sua expedição ao interior do Brasil.



A Princesa Theresa da Baviera

Na longa lista de cientistas que analisaram o interior, sua famosa flora e etnologia merece outrossim uma menção, o Príncipe Alberto, sobrinho do Rei Guilherme III da Prússia. Este desembarcou no Rio em 1842, trazendo uma selecionada comitiva.

Iniciou a sua viagem homenageando Dom Pedro II, pois trazia nas suas malas a Ordem da Águia Negra para ele, a maior distinção do seu país.

Comprida a missão diplomática, iniciou a missão científica.

Esta consistia na exploração do Xingu, o então desconhecido afluente do Amazonas.

Esta aventureira expedição também teve como resultado uma importante publicação em 1842/43 que é um diário ilustrado pelo próprio Príncipe que encontrou grande apreciação de Humboldt.

Na guarnecida lista de cientistas, von Martius permanece todavia a maior glória.

Até ao fim da sua vida ele manteve contatos com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual era membro, e Dom Pedro II em 1872, passando por Munique, foi depositar flores na sua tumba.

Nós conhecemos o grande interesse da Imperatriz Dona Leopoldina pela fauna, flora e mineralogia do Brasil.

É a primeira mulher que se interessou pela mesma e que através dos cientistas trazidos em sua comitiva, como Johann Natterer, enviou importantes objetos indígenas, os mais variados minerais, plantas e animais empalhados para o Museu de História Natural de Viena. O famoso Natterer ficou depois 18 anos percorrendo os pontos mais recônditos do país, casando inclusive com uma moça brasileira.

Completamente desconhecida é uma mulher cientista que no século XIX se tenha aventurado nas nossas matas para estudar a natureza.

Esta é a Princesa Theresa da Baviera a qual nós podemos indicar como uma das fadoras e pioneiras da emancipação feminina nas pesquisas da botânica e da etnologia.

Theresa foi uma figura profundamente humana e de alta formação intelectual e moral.

Mesmo sendo o estudo dos países desconhecidos uma moda no seio da nobreza da época, sobretudo a alemã, no caso da Princesa Theresa era uma vocação.

Ela teve uma vida das mais interessantes e das mais fecundas.

O seu espírito observador, sua curiosidade pelas ciências, sua vida cheia de humanidade, de modéstia e de uma grande retidão, a fazem uma das mais admiráveis damas do seu tempo.

Apesar de ter visitado e escrito sobre o nosso país, ela é desconhecida no Brasil.

No dia 13 de novembro de 1850, o Príncipe Luitpoldo da Baviera, o futuro Regente, fazia anunciar que no Palácio Real de Munique, a sua esposa, a Princesa

Augusta, nascida Arquiduquesa da Áustria, do ramo dos Grão Duques da Toscana, havia enriquecido a dinastia com o nascimento de uma filha.

Esta foi batizada dois dias depois pelo Arcebispo de Munique de Fresinga, na sala do trono, com os nomes de Theresa Charlotte Marianna Augusta.

Ela nasceu num berço de ouro, como podemos ver, fruto de um matrimônio de amor, raro naquele tempo nos ambientes reais.

Os pais haviam casado na Catedral de Florença. Augusta tinha nascido naquela cidade, então capital do Grão Ducado.

Sabemos que ela foi uma grande amiga de infância de Dona Theresa Christina a qual se referia a ela como “la mia cara cugina”.

Augusta faleceu cedo, deixando profundo pesar. Theresa tinha 14 anos. Três irmãos ainda compunham a sua família, que precisa ser apresentada. O mais velho foi o futuro Rei Ludwig III, Leopold casado com Gisella, filha do Imperador Francisco José e o irmão Arnulfo fechavam o cerco dos companheiros de sua juventude.

Theresa teve uma educação muito severa e estudou com professores particulares. Estes logo perceberam o seu notável grau de inteligência e a sua grande vontade de apreender.

A família morava no Palácio Leuchtenberg de Munique que a casa real bávara tinha adquirido. Theresa, portanto, foi criada nos mesmos quartos onde viveu a nossa Imperatriz Dona Amélia, frequentando também os mesmos salões.

A sua educação foi impregnada de uma profunda religiosidade que ela sempre conservou apesar do espírito liberal da época. Coisa rara naquele tempo ela se exercitou nos mais variados esportes. Os seus estudos continuaram e continuariam após a morte da mãe. Esta havia supervisionado e seguido pessoalmente com seriedade a instrução dos filhos.

O falecimento da mesma causou uma profunda ferida no coração da jovem Theresa, a qual se aproximou ainda mais do pai, o bondoso Príncipe Luitpold.

Este teve que exercer a regência durante longos anos, por causa da incapacidade dos Reis Luís II e Otto I. O regente foi muito amado pelo seu povo e ele encontrou um grande apoio na filha.

Theresa passou a ser a Primeira Dama do reino. Assim mesmo, ela conseguiu reunir este cargo, que não lhe condizia, com os seus estudos de botânica e etnologia.

Estes eram a sua verdadeira vocação ao mesmo tempo ligada a um espírito de aventura.

Atingida a maioridade, foram-lhe propostos diversos casamentos. Cada qual mais tentador. Theresa os recusou todos. A paixão de sua vida tinha sido o Príncipe Otto, seu primo, o qual após o irmão Luís II, deveria ter sido rei da Baviera.

Ocorreu a infeliz doença de Otto. Foi um grande choque. Todos os anos, pelo menos duas vezes, ela ia visitá-lo na clínica e olhando-o, via com infinita tristeza o inexpressivo e vago semblante do mesmo.

Este estado, esta profunda tristeza devem tê-la animado ainda mais a desenvolver seus estudos e a empreender pesquisas, visitando os mais variados países.

Petrificada em sua grande dor, ela nunca casou, renunciando sempre todas as importantes propostas matrimoniais. A corte no entanto a chamava.

Teve que aceitar o cargo honorário de Abadessa do Convento das Damas Nobres de Sant'Anna, em Munique, e acompanhar o regente em muitas viagens oficiais.

Finalmente, conseguiu livrar-se dos empenhos da Corte e em 1875 empreendeu uma viagem com o irmão predileto, Leopold, para a Tunísia, Argélia, Espanha, Portugal e França.

Apareceu em seguida a sua primeira publicação: "Excursão à Tunísia".

Seguiram-se viagens para a Dinamarca, Suécia e Noruega.

Em 1885, realizou uma longa e interessante viagem na Rússia, que visitou de São Petersburgo até ao Mar Negro.

Várias outras viagens se seguiram na Europa e nos Estados Unidos, sempre seguidos de relatórios científicos e enriquecimento das suas coleções e as do Museu de História Natural da Baviera.

Em 1888, seguiu com um pequeno séquito para o Brasil.

O império do Brasil era o país que mais a atraía na América do Sul.

As suas viagens não eram como hoje as poderíamos imaginar, realizadas por uma senhora de alta posição social, mas eram sem conforto e luxo.

Foram em tendas no meio do mato e em pequenas pensões e albergues no mais absoluto incógnito.

Theresa fazia-se acompanhar por uma Dama da Corte, a Baronesa Francisca de Lerchenfeld, a qual naturalmente também devia renunciar a toda e qualquer mordomia.

A acompanhava um servidor que era também taxidermista, isto é, esperto em empalhar e embalsamar os muitos animais raros encontrados.

Acompanhava o grupo, um alto oficial, o General Maximiliano von Speidel, que devia providenciar e organizar as várias expedições.

Este era uma pessoa idosa, da confiança do Regente.

A Princesa fotografava com maestria o que na época era uma raridade.

A viagem ao Brasil de 1888 foi para o Museu de História Natural de Munique uma continuação da viagem de von Martius e von Spix, pelas muitas peças trazidas.

Estas incursões, as mais arrojadas representaram não poucos perigos. A princesa sempre afirmava: “eu nunca tive medo na vida”.

A viagem científica ao Brasil foi muito bem preparada e estudada nos mínimos particulares. Estavam equipados com tudo aquilo que havia do mais moderno e prático naquele tempo.

Theresa despediu-se do tão amado pai, o Regente, e dos numerosos parentes.

Atravessaram a França e a Espanha chegando em Portugal nos primeiros dias de junho de 1888.

A bordo do navio inglês “Manauense” deixou Lisboa com a sua pequena escolta no dia 14 de junho.

Tocaram a Ilha da Madeira, passearam pelo Funchal que já tantos parentes tinha acolhido, como a Princesa Dona Maria Amélia, filha de Dom Pedro I do Brasil, o Arquiduque Maximiliano, futuro Imperador do México, e a Imperatriz Elisabeth da Áustria.

Finalmente chegaram a Belém do Pará. Era o dia 26 de junho. A entrada no porto de “Ver o Peso” desde logo a fascinou. Estava num outro mundo. Cheia de novas emoções e feliz com o começo da almejada viagem.

Desceu do navio, visitando a cidade, hospedando-se no Hotel Central.

Ficaram em Belém até o dia 1º de julho, percorrendo detalhadamente os arredores, colhendo plantas e fotografando.

A Princesa viajava em incógnito sob o nome de Condessa Elpen, nome que figurava também no seu passaporte.

Começaram as anotações sobre a flora e fauna e sobre o Brasil em geral.

O resultado desse meticuloso relatório deveria dar um grosso volume que a Princesa publicou 9 anos depois, em 1897.

Este livro, ela dedicou com as seguintes palavras ao último soberano do Brasil: “Dedicado à memória de sua Majestade, o tão venerado e inolvidável Imperador Dom Pedro II do Brasil”.

Depois de alguns dias, subiram o Rio Amazonas.

Vestida de maneira quase masculina, mas mesmo assim ela dava na vista pois uma exploradora mulher a gente ainda não tinha visto naqueles lugares.

Pararam em Óbidos e por fim chegaram em Manaus.

Não sabemos se realizou uma visita à cidade, o que era presumível, mas o seu interesse era adentrar-se na floresta.

O paternal General von Speidel fretou uma embarcação e assim, durante 13 dias, subiram os rios Negro e Solimões.

Foi uma viagem aventureosa nas margens desses rios.

Adentrando-se na floresta, encontraram índios que conquistaram com diversos presentes. Caçaram, empalharam e encontraram plantas desconhecidas e muitos insetos.

Com uma série de interessantes informações e com um abundante material voltaram para Belém.

Estava chovendo quando desembarcaram no porto. Tinham as roupas sujas e rasgadas quando voltaram para o hotel. O próximo objetivo teria sido a Ilha de Marajó. Theresa queria ver a flora e visitar os grandes rebanhos de búfalos. Não encontrou um vapor que a levasse. Tomar uma chalupa teria sido demasiadamente arriscado e a princesa não quis expor a um perigo os seus acompanhantes. Assim a solução foi ficar em Belém.

A primeira coisa que realizaram naquela bela cidade foi visitar o Museu Etnográfico que hoje deveria ser o conhecido e conceituado Museu Goeldi.

Esta visita foi demorada e tantas foram as perguntas que a ilustre visitante fez, que o encarregado ficou admirado com a erudição daquela senhora estrangeira.

Várias famílias a receberam e não sabemos quem foi o mediador desses encontros.

Possivelmente algum representante consular alemão, ou um comerciante germânico realizou os contatos.

De uma família ela gostou particularmente, pois além de todas as gentilezas recebidas, a dona da casa tocou para ela, no piano, árias do Guarany de Carlos Gomes.

Devemos lembrar mais uma vez que a viagem tinha um intuito puramente científico e por isso não podemos ficar admirados em ver da parte da ilustre viajante um interesse relativo, podemos dizer marginal, pelas cidades em geral.

Interessavam as malocas dos índios, os quais ela distinguiu perfeitamente conhecendo o nome de cada tribo.

Os dias estavam passando e o navio que iria tomar estava demorando.

Para ocupar o tempo, decidiu visitar “Ilha das Onças” que não estava muito distante.

Nesta excursão viu a “Hevea Brasiliensis” e encontrou uma casa de um seringueiro que lhe forneceu todos os detalhes da extração do latex, até a sua comercialização.

Na mesma ocasião, encontrou na ilha uma grande variedade de orquídeas, das quais tomou nota e as fotografou.

Já conhecia também todas as lojinhas perto do cais do porto, onde abundavam os mais variados animais exóticos.

A coleção de animais já era grande, mas assim mesmo, Theresa se deixou tentar e comprou diversos exemplares de pássaros.

Uma “Boa Constricta” não teve a “sorte” de ser adquirida pelos problemas de transporte. Finalmente chegou o “Ita”, que na realidade era o “Maranhão” da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor.

Vários ajudantes levaram as volumosas bagagens, gaiolas e embrulhos vários para o navio.

No dia 28 de julho deixaram Belém. Tiveram uma viagem calma, bordejando a costa e chegando no dia 30 em São Luiz. O navio ficou ancorado na barra de São Mateus e assim uma pequena embarcação levou Theresa com os seus acompanhantes até o cais.

Ela logo constatou que a maré naquele litoral é a mais acentuada de toda a costa do Brasil, variando de 6 a 8 metros. A parada foi curta, deu tempo para visitar superficialmente a cidade. Entrou na Sé e visitou a Igreja de N. S. dos Remédios.

Uma coisa que a surpreendeu foi à limpeza das ruas e gostou da linda arborização das praças. Naturalmente ela entrou em algumas lojas, como costumava fazer, e foi acolhida com um grande entusiasmo e com uma gentileza fora do comum. Estranhou, mas depois soube, achando muita graça que tinha sido confundida com uma famosa cantora que estava sendo aguardada na cidade.

A próxima etapa seria Fortaleza. Já viu a distância, que a costa era mais árida e não mais tão verde como o litoral amazônico. Ao longe apareceu a serra de Maranguape e, finalmente, o “Maranhão” entrou no porto.

As praias cearenses a encantaram e ainda mais as dezenas de jangadas que se moviam no horizonte. Não resistiu em dar uma pequena volta numa jangada, que achou muito original e única no seu gênero.

Não sabemos como esta excursão se realizou e como terminou. As pessoas de sua escolta deviam ter ficado preocupadas, apesar de Theresa ter sido uma ótima nadadora.

A divisa dela sempre foi, como já dissemos: “Eu nunca tive medo de nada na vida” e ela, também no futuro, o demonstrou sobejamente.

Grande era a alegria de Theresa, quando o vapor aumentava, fora do programa, as suas permanências nos portos. Em Fortaleza isto aconteceu. Reuniu o seu grupo e decidiu tomar o trem para Maranguape. Foi a sua primeira experiência ferroviária no Brasil.

O que para um europeu é uma pequena distância, esta, no Brasil, tem outras dimensões. A serra de Maranguape, com o Pico da Rojada, de 980m de altura, parecia de imediato alcance. Na realidade, distavam 28 quilômetros.

O trem se pôs em movimento, os vagões estavam de janelas abertas por causa do calor e as fagulhas perigosamente se depositavam e estragavam as roupas dos passageiros. A locomotiva era aquecida com lenha. Na primeira elevação parou. Tinha que aumentar o vapor para poder superá-la. Isto não preocupou os viajantes habituais.

O vizinho que conversava alegremente se virou para a princesa e disse “a locomotiva está cansada!” Este espírito acomodado e fatalista do simpático vizinho causou nela uma certa hilaridade.

Uma paisagem diferente estava desfilando. No começo viam-se grandes extensões de cerrado e depois, aos poucos, começaram a aparecer palmeiras de Carnaúba, as quais Theresa reconheceu, anotando a importância econômica das mesmas.

Quanto mais se estavam aproximando da serra, viam-se plantações de algodão e de café. Por fim apareceram extensões de cana de açúcar ao redor de alguns pequenos engenhos. Quanto mais se aproximaram de serra, mais linda estava ficando a paisagem.

Depois de algumas paradas, o trem chegou a Maranguape, pequena cidadezinha que então tinha 12.000 habitantes.

Theresa pediu ao general para descobrir um hotel, mas este voltou desanimado, dizendo que somente havia encontrado uma casa particular, que alugava quartos mas sem conforto algum.

O chuveiro era numa casinha perto da casa principal, assim como a toilette. Por cama existiam redes à maneira nordestina. Os quartos não tinham teto, para facilitar a ventilação.

Após ter feito a devida pré-anotação foram fazer um passeio na direção da mata. Antes de chegar na mesma, pararam numa fazenda de gado e Theresa ficou espantada em ouvir falar da praga dos morcegos, que tantos estragos estava causando aos rebanhos.

Para o dia seguinte, às cinco horas, o general havia arranjado cavalos a fim de que todos pudessem subir a serra. Theresa desejava fazer uma pesquisa na flora, lá em cima.

Após uma noite mal dormida, estavam aguardando os cavalos, que não vieram. Grande foi a desilusão, mas Theresa resolveu que todos seguiriam a pé, pelo menos até uma parte da serra. Para subir ao pico da Rojada, o tempo não seria suficiente.

Ainda estava escuro e seguiram assim mesmo numa estreita picada ao clarão da lua.

Passaram perto de umas malocas de índios Potiguaras, já bastante civilizados, que não se mexeram ao vê-los passar. O dia estava clareando e um espetáculo magnífico se abriu diante deles. No fim, longe no horizonte, apareceu o mar. O nascer do sol completou o lindo panorama.

Theresa avistou diversas plantas, ainda desconhecidas que logo seriam fotografadas e levadas para serem secas.

Ficou deslumbrada com a quantidade de árvores de Ipê Amarelo e pela quantidade de cômregos que desciam da Serra.

Não foi possível ficar mais tempo na serra de Maranguape, pois o trem da Estrada de Ferro Baturité devia partir em breve.

Ficou muito triste em não ter completado a escalada à serra.

Já na cidadezinha, a caminho da estação, viram numa quitanda um pequeno “mocó” que Theresa logo reconheceu como sendo uma “Cavia Rupestris Wied”.

Acharam-no lindo e o acariciaram, seguindo para frente.

Ao chegar à estação, Theresa foi alcançada pelo dono da venda e mais duas pessoas desconhecidas “as quais com a proverbial gentileza brasileira”, conforme anotou Theresa, lhe ofereceram o “mocó”.

Ficou encantada, pois não aceitaram alguma recompensa. Virando-se para a comitiva deixou escapar: “agora temos uma mala a mais”.

Realmente estava levando uma pequena arca de Noé.

O trem desta vez funcionou, e justo em tempo, chegaram para embarcar-se no navio.

A bordo o comandante era muito gentil, mas naturalmente estava-se ocupando mais pelos seus conhecidos.

Theresa, ajudada pelo taxidermista e pela sua dama, aproveitou a viagem, mesmo sendo esta um pouco borrascosa, para catalogar e descrever plantas, pássaros e animais adquiridos durante toda viagem.

Após ter contornado o Rio Grande do Norte, no dia 4 de agosto chegaram na foz do rio Paraíba.

O “Maranhão” lançou as âncoras em frente de Cabedelo.

Como a permanência devia ser bastante longa, para permitir as cargas e descargas, o general fretou uma lancha e assim subiram o rio até a localidade de Martins. Desceram perto de um grande coqueiral. Um simpático mulato lhes ofereceu água de coco. Estavam com sede e a acharam muito refrescante, com um “sabor estranho”.

Theresa levou alguns cocos e após gratificar o amável guardião, voltaram para o navio. Uma grande sensação foi a chegada no Recife onde atracaram dois dias depois.

Theresa não estava esperando um tal movimento no porto, com a quantidade de navios transatlânticos que o visitavam.

Parece que estes eram alguns milhares por ano.

Além de conhecer os arredores do Recife, um dos desejos era visitar as cataratas de Paulo Afonso .

Esta aspiração não se realizou, pois o navio que a iria conduzir até Penedo tinha seguido dois dias antes e a ferrovia até lá estava interrompida pelo mau tempo.

Theresa ficou então conhecendo a cidade, passando pelas pontes dos rios Beberibe e Capibaribe.

Passando pela rua Princesa Dona Leopoldina, chegou ao Palácio do Presidente da Província, o “Palácio do Campo das Princesas”.

Achou ainda uma certa influência holandesa no estilo de certas casas do centro.

Visitou o Museu no bairro de Santo António, que achou desguarnecido de objetos indígenas. Não podia deixar de visitar os comerciantes de animais exóticos. Não resistiu e comprou um “Urubu Rei”, com quase um metro de altura.

O séquito já devia estar sobrecarregado...também a volta ao navio deve ter sido um espetáculo.

Feliz com a aquisição, aguardou a saída do “Maranhão” o qual, após uma rápida passagem por Maceió, no dia 9 de agosto dava entrada na Bahia de Todos os Santos.

Finalmente tinha chegado na primeira capital do Brasil, em São Salvador da Bahia. Esmerou, com uma meticulosidade germânica em descrever toda a entrada na baía, a passagem pela Ilha de Itamaracá até a chegada ao porto.

Também a Bahia, como o Recife, era alvo dos navios transatlânticos que se dirigiam ao Rio, ao Sul do Brasil, para Montevideo e Buenos Aires.

Os hotéis estavam lotados e assim ficaram numa pensão primitiva, no bairro Vitória.

E o conforto da mesma era mínimo, a vista que se desfrutava no entanto, era uma coisa espetacular.

Theresa queria entrar no mato, as cidades pouco interessavam e assim ela tomou, levando sempre a sua escolta, um pequeno vapor que a levou para Santo Amaro, onde desejava adentrar-se na floresta.

Ao chegar, grande foi a desilusão pois todos os caminhos estavam impraticáveis por causa das fortes chuvas.

Visto o insucesso para uma eventual pesquisa, no dia 11 dedicou-se à cidade.

Naturalmente as belezas e a riqueza da mesma não passaram despercebidas.

Após esta visita, ela fez um passeio a pé até ao farol de Santo António, o qual com o velho forte apresenta um quadro de rara beleza.

Um outro desejo que infelizmente não se realizou, foi fazer uma visita a uma fazenda de cacau, mas isto teria representado uma deslocação maior.

O tempo de permanência já estava acabando.

De Salvador até o Rio ela mudou de navio, tomou o “Cidade de Maceió” com o qual no dia 13 de agosto rumou diretamente para a capital do Império.

Com grande entusiasmo, ela descreve com muitos pormenores a entrada na barra da Guanabara.

Ela narra meticulosamente a cidade e as redondezas, assim como a natureza e as montanhas que a cercam. É necessário dizer que visitou tudo, desde o Jardim Botânico, os vários bairros e Niterói.

Subiu ao Corcovado usando o bondinho, que três anos antes Dom Pedro II tinha inaugurado.

Alojaram-se em Santa Teresa, no “Hotel Vista Alegre” naturalmente como condessa de Elpen, conforme constava nos seus documentos.

Um vasto programa ainda estava pela frente:

Espírito Santo, São Paulo e naturalmente Petrópolis estavam faltando.

No plano estava também Minas e assim, depois de alguns dias, deixou o “Hotel Vista Alegre” e seguiu, sempre com a sua escolta, para Minas, visitando Ouro Preto e os bosques ao seu redor.

Visitou a Escola de Minas e a fabulosa coleção de minerais, guiada pelo Dr. Gorceix que a presenteou com diversos minerais existentes em duplicata.

Usaram o trem e assim, dia 20 de agosto estavam novamente no Rio.

Theresa ficou extasiada com a coleção ornitológica e a variedade de pássaros existentes no Jardim Zoológico da capital.

Viajou de bonde e assistiu, sempre em incógnito, à volta dos Imperadores da Europa, em 22 de agosto de 1888.

Ficou impressionada com a festiva acolhida que o povo reservou aos monarcas.

Já era uma conhecida e uma parente muito estimada de Dom Pedro II e de Dona Theresa Christina.

Havia visitado-os diversas vezes durante a permanência destes em Baden-Baden e em Munique; e parece, inclusivamente, que Dom Pedro II a tinha animado muito vir ao Brasil, oferecendo-lhe, inclusive um manual turístico sobre o país.

A Imperatriz foi, como já dissemos, uma das mais íntimas amigas de infância da mãe, a Princesa Augusta.

Naturalmente uma visita a São Christóvão não podia faltar.

Depois de alguns dias foi convidada, com a comitiva, para um encontro em São Christóvão.

Logo que chegaram na Quinta Imperial, penetraram no palácio e estranharam a ausência de guardas. Encontraram somente alguns lacaios, vestidos com libré verde que se moviam pelos corredores e escadarias.

Theresa foi convidada a acompanhar um camarista, atravessando alguns salões, na sua opinião “mobiliados modestamente”, até chegar à presença das Majestades.

“A acolhida foi simples e afetuosa como sempre,” ela descreveu a Imperatriz “pequena, não de aspeto majestático, porém mostra uma nobreza, distinção e bondade que conquista os corações.”

Dom Pedro II é mencionado como surpreendentemente alto, com um porte imponente, com um belo e distinto semblante e uma indescritível expressão de bondade que emanava dos seus olhos azuis.

Theresa estava encantada com o Imperador.

Achou que o seu porte majestático provoca uma atmosfera de respeito e ao mesmo tempo inspirava confiança.

“A sua maneira amável e jovial e a sua conversação interessante e animada têm algo de extremamente empolgante. O seu constante e incansável interesse pelo bem do seu povo nota-se a cada instante e merece a maior consideração.”

A princesa continuou com as suas interessantes observações sobre o Imperador e sobre a sua maneira sábia de governar e o seu grande espírito de justiça. Ressalta a sua enorme cultura e saber, que ele não guarda egoisticamente mas é toda dirigida para o bem do seu povo.

O que muito sensibilizou Theresa, foi que o Imperador pessoalmente lhe mostrou o Palácio de São Christóvão.

Encontramos uma detalhada descrição sala a sala e quarto a quarto.

Muito a emocionou ver no salão da Imperatriz uma fotografia da mãe, a Princesa Augusta, a grande amiga de Dona Theresa Christina.

Viu a sala do conselho, onde uma vez por semana se reunia com o Imperador o ministério.

Em seguida o Imperador orgulhosamente lhe mostrou a sua biblioteca particular que estava sistematizada em três salas contíguas.

A quantidade e a variedade dos volumes refletiam a grande cultura e os vastos conhecimentos e a quantidade de línguas dominada por S.M.

Com grande interesse Theresa examinou a coleção mineralógica, iniciada pela Imperatriz D. Leopoldina e continuada pelo seu ilustre filho.

Com uma memória extraordinária, Theresa guardou os mínimos detalhes dessa emocionante visita, que confiou ao seu diário de viagem.

Após a visita à Quinta de Boa Vista, voltou fascinada para a cidade para iniciar os preparativos para uma estadia em Petrópolis e uma visita mais demorada na Serra dos Órgãos.

No dia 17 de setembro às 6 horas de manhã, deixou o hotel em Santa Teresa com a comitiva para Mauá. A viagem para Petrópolis foi interessante pelas diferentes vegetações e paisagens que viu.

Hospedou-se no Hotel Inglês.

A flora de Petrópolis muito a atraiu e começou logo uma detalhada visita na floresta que cobre os morros da cidade serrana.

Evidentemente, após as pesquisas tão bem sucedidas, o motivo principal da estadia em Petrópolis era o maior convívio com os Imperadores.

Achou lindo o parque do palácio, em estilo francês e parte inglês.

Ela se maravilhou com a facilidade, com que as pessoas podiam aproximar-se dos monarcas. Com que simplicidade qualquer cidadão era acolhido. Não existia formalidade.

“Era um ser humano entre seres humanos”.

Assim também podia-se exprimir livremente a própria opinião, sobretudo porque o Imperador aceitava as discussões e respeitava os pontos de vista dos outros.

“A maneira inconvençãoal como se tratam as pessoas entre si, também a encontrei no Palácio Imperial. Tudo muito diferente da vida na Corte Portuguesa.”

Foram a Correias, a Cascatinha, etc.

Em Petrópolis a Princesa aproveitou o tempo para sistematizar o abundante material que colheu nas matas do Espírito Santo.

O “Herbário” era imenso e assim também a coleção de animais empalhados e devidamente embalsamados.

Theresa observou com muita atenção a população alemã de Petrópolis, conversando com muitas pessoas, perguntando às mesmas sobre a localidade de origem e as suas ocupações.

Um habitante lhe disse que o Imperador era um “bom homen”, ao qual ela acrescentou “e também um homem excepcional.”

Os dias em Petrópolis iam passando, quando no dia 20 ela recebeu um convite para almoçar no palácio. Foi um repasto rápido, pois é sabido que Dom Pedro comia pouco e muito rapidamente.

O casal imperial em seguida lhe mostrou todo o interior do mesmo e a Princesa nos dá um testemunho interessante.

Poucas são as descrições existentes sobre o Palácio de Petrópolis.

Este, portanto, é um depoimento valioso. Theresa assim se exprimiu:

A quinta imperial que foi construída apenas pelo atual Imperador, tem em sua maioria quartos amplos e comunicantes, os quais não estão todos arranjados no gosto brasileiro. No rés-do-chão encontra-se o quarto do camarista de serviço como também a pequena e bastante desguarnecida sala de jantar.

Segue a sala do bilhar, o salão da Imperatriz, no qual a família se reúne à noite e o salão de recepção. Este é muito simples e mobilado com cadeiras de vime, à maneira brasileira, dispostas ao redor das paredes.

No andar superior, encontra-se em primeiro lugar o quarto de trabalho do Imperador. Este tem o aspecto de um aposento próprio de um sábio. Sobre uma grande mesa de trabalho estão inúmeros livros e brochuras em desordem. Encostada à janela, encontra-se uma escrivaninha. Neste quarto concentra-se o

Imperador, o qual se levanta todas as manhãs às 6 horas, para ocupar-se das suas muitas atividades de Governo e da ciência. A única decoração do quarto são dois quadros pintados pelas filhas, a princesa herdeira e a falecida Dona Leopoldina, Duquesa de Saxe.

Depois seguem os quartos de vestir, um vão para o criado e o quarto de dormir de Suas Majestades. Também neste, encontra-se uma grande mesa sobre a qual estão colocados muitos livros. Isto porque o Imperador lê à sua consorte, todas as tardes às 15 horas, por uma hora e meia, livros italianos. Este quarto é contíguo a um grande salão, o qual está tão desguarnecido como os demais quartos e cuja única decoração se limita a cadeiras colocadas ao redor das paredes.

Naquele andar se encontram também os quartos destinados aos filhos da pranteada e prematuramente falecida filha [Dona Leopoldina], Dom Pedro Augusto e Dom Augusto.

Todo o palácio é de uma simplicidade personificada, assim como também se distinguem as almas de seus augustos proprietários.

A verdadeira grandeza não se mostra com a pompa e a ostentação, mas em magnanimidade do coração e esta se encontra aqui em grande quantidade.

À tarde visitaram o Vale de Quitandinha onde viram a leitaria do francês Buisson. Este, além de fazer queijo, tinha uma importante coleção de orquídeas.

Assim terminou a visita à cidade serrana.

A Princesa que desejava ver tudo, chegando ao Rio, foi ver a Capela Imperial e o Paço da Cidade. Na capela imperial, Theresa teve ocasião de voltar no dia 27 de setembro, a convite da Condessa d'Eu quando esta recebeu a Rosa de Ouro.

Foi uma cerimônia solene, ouvindo-se música de Mozart e de Bressmeyer, presentes os Imperadores, Dom Pedro Augusto e Dom Augusto, os filhos da Princesa D. Leopoldina, Duquesa de Saxe.

Celebrou a missa o Núncio Apostólico Monsenhor Spolverini.

Após a leitura em latim da mensagem apostólica do Papa Leão XIII, Dona Isabel se prostrou diante do altar-mor, em profunda devoção, recebendo das mãos do Núncio a Rosa de Ouro, qual símbolo de sua submissão ao Papa e em reconhecimento por ter assinado a Lei Áurea. Theresa teve ocasião de conhecer, entre outras pessoas, os Bispos de São Paulo, do Pará e de Olinda.

A recepção no Palácio da Cidade, conforme a escreve a ilustre viajante, realizou-se sem alguma etiqueta. Ficou impressionada em ver senhoras levando as crianças a circularem a torto e a direito pelos salões.

Tudo acabou com um imponente desfile militar, ao qual assistiu com a família imperial do balcão central do palácio. No mesmo dia à tarde, Theresa realizou uma visita ao Palácio Leopoldina, a residência do Duque de Saxe, naquele tempo já propriedade dos Príncipes Dom Pedro Augusto e Dom Augusto.

Foi recebida pelos dois jovens príncipes: “conduziram-nos [toda a comitiva] através dos altos salões, dignos de serem vistos. Estes são em parte arrumados à maneira brasileira e em parte europeia. Ao lado das amplas salas para recepções, decoradas com quadros de família, encontra-se uma valiosa coleção mineralógica. Existem na mesma os mais raros e valiosos exemplares de minerais do Brasil. São minerais e diamantes das províncias.”

Além dos minerais, Dom Pedro Augusto tinha uma notável coleção de moedas do Brasil e de várias partes do mundo, inclusive exemplares gregos e romanos.

Theresa ficou muito impressionada com estas coleções e com a erudição do jovem Dom Pedro Augusto.

Depois da detalhada visita ao Rio, seguiu-se a visita à Província de São Paulo, que ela descreve em detalhes, atravessando o Vale do Paraíba. Menciona as várias localidades, como Queluz, Jacarey, Lorena, etc.

Muito a impressionou a colonização italiana e visitou a plantação de chá da fazenda do Senhor Dietrichsson.

Em São Paulo ela foi ao Ipiranga, ver o lugar onde Dom Pedro I proclamou a independência, descendo em seguida para Santos. Finalmente, no dia 2 de outubro chegou de trem ao Rio de onde no dia seguinte voltou a Petrópolis para despedir-se dos Imperadores.

Dom Pedro II, como ele sempre o fazia, quando se encontrava em Petrópolis estava ao chegar do trem na estação. Assim que se cumprimentaram, Dom Pedro a convidou para participar, com a comitiva, da inauguração de um orfanato fundado por um padre. De lá voltaram ao Hotel Inglês.

No dia seguinte à tarde, Theresa esteve no palácio para a despedida.

“Pela última vez, pelo menos no Brasil” escreve Theresa em seu livro, “tive a sorte de estar em companhia do magnânimo casal cuja única aspiração era o bem do seu povo. Mais uma vez me alegrei com a rica e instrutiva conversação do Monarca.

Uma coisa que me avivou foi a sua ausência de preconceitos, a sua simplicidade, o seu amor pela liberdade e o seu interesse incansável pelas ciências. Tenho que observar que esta vai de par e passo com a sua desaprovação do materialismo e do ateísmo.

Da Imperatriz me restou impresso o quadro de uma ilimitada bondade e do Imperador, como se pronunciou de maneira acertada, o sábio alemão Karl von Steinen é “o melhor dos brasileiros” e que muitos dos seus compatriotas, “infelizmente não sabem que pessoa eles possuem.”

O Imperador presenteou Theresa ainda com várias traduções por ele feitas do latim, do tupi, do hebraico e do sânscrito. A última saudação foi na estação para onde ela foi acompanhada pelos Monarcas. Voltando ao Rio, Theresa ainda foi à Tijuca e à Laranjeiras.

No dia 8 de outubro, a bordo no navio “Frankfurt” deixou o Rio com grande saudade no coração. Estava levando uma grande quantidade de animais vivos e empalhados, plantas vivas, sementes e uma quantidade de plantas secas formavam uma enorme e valiosa coleção.

Durante anos, a “Princesa do Mato”, a simpática e culta princesa da Baviera elaborou este material em doutos estudos que ela publicou, deixando suas coleções aos museus.

Não satisfeita com as suas pesquisas, em 1898 ela empreendeu uma nova expedição bordejando toda a América do Sul do lado do Pacífico, penetrando na floresta amazônica pelo Equador.

Os seus muitos estudos que resultaram em 19 valiosas obras foram premiados com numerosas distinções da maior relevância. Entre estas, o Doutorado Honoris Causa da Universidade de Munique e de Membro Honorário da Academia das Ciências da Baviera.

Convém notar que esta distinção foi à única que tinha sido conferida, naquela época, a uma mulher: esta foi a culta e corajosa Theresa da Baviera.

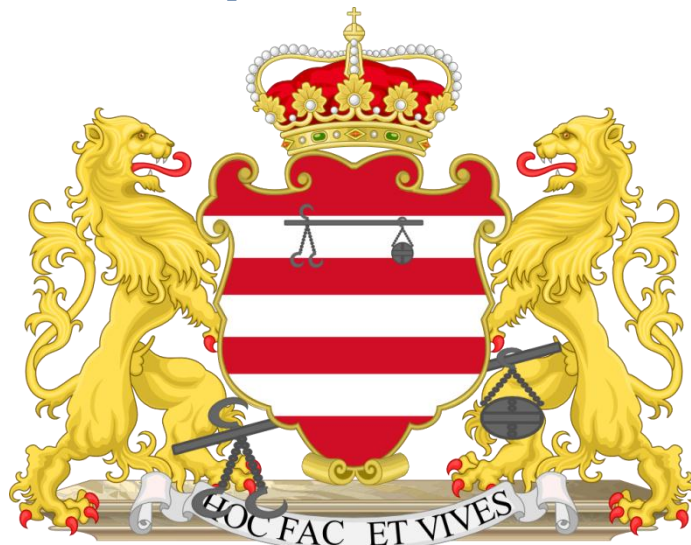
O seu importante trabalho sobre a flora, a terra e fauna do Brasil termina com estas significantivas palavras:

“ No mais íntimo do coração ficou a saudade daquele país maravilhoso, além do Oceano, onde a natureza prodigou as suas mais ricas dádivas, num quadro que em nenhuma parte do mundo poderá ser igualado.”

Bibliografia

- Bayern, Therese von, «Meine Reise in den brasilianischen Tropen» Doyen Verlag, 2011
- Böhm, Christiane, « Wie lebten Prinzen und Prinzessinen in Wirklichkeit? » August Dreesbach Verlag, München, 2010
- Bragança, Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo, « Palácio Leopoldina » Rev.I.H.G.B. Vol. 438, 2008
- Bussmann, Hadumod, « Ich habe mich vor nichts im Leben gefürchtet » Die ungewöhnliche Geschichte der Therese, Prinzessin von Bayern 1850-1925 Verlag C.H.Beck, München, 2011
- Grimm, Claus « Bayern und Brasilien 1500-2000 (Therese von Bayern) » Catalogo da Exposição, Pag. 16
- Hamann, Brigitte « Die Habsburger = Ein biographisches Lexikon = Überreuter Verlag, Viena, 1988
- Herzog-Schröder, Gabriele « Prinzessin Therese's völkerkundliche Reisestudien in Brasilien und dem westlichen Südamerika » in Bussmann/Neukum-Fichtner, 1997
- Neukum-Fichtner, Eva « Freiheit, Freiheit war es, wonach ich leidenschaftlich lechzte » Bussmann / Neukum-Fichtner, 1997

PUBBLICAÇÕES DO ALMANACH DO STEMMARIO TRIVULZIANO: Genealogia da Casa Princesca de Carafa della Stadera



Fabrizio Carafa (+ 31-7-1513), Senhor de Torre del Greco, Valenzano e Sant'Eramo, Patrizio Napoletano; Ajudante do Duque da Calabria, Governador de Mazzara em 1455, Capitão e Castellano de Catanzaro em 14-4-1463. Casa-se em 1465 com Aurelia, filha de Salvatore de Tolomeis e de Maria del Balzo, Herdeira de Sant'Eramo em 3-8-1520.

Antonio Francesco (* 12-2-1471 + 11-7-1522), Patrizio Napoletano, 2º Conde de Ruvo desde 1515, Senhor de Sant'Eramo. Casado (dote de 4.000 ducati) com Crisostoma d'Aquino, filha de Gaspare Senhor de Grottaminarda e de Maria Filomarino (+ post 31-3-1546/13-10-1554)

1a) Aurelia (* 1511 + 1556) casada em 1527 Vincenzo d'Eboli Signore di Castropignano

2a) Emilia (* 1512 ca. + ?) casada com Pietrantonio Carafa 2º Conde de Policastro (+ 3-7-1532) (vedi/see)

3a) Beatrice (* 1514 + post 1550) Placido di Sangro Barão de Bugnara e Patrizio Napoletano

4a) **Fabrizio** (* 15-2-1515 + 22-1-1554), 3º Conde di Ruvo, Senhor de Mariglianella d'Arco (confirmado em 10-6-1523) e Patrizio Napoletano; Senhor dos Feudos de Civitavetere, Castelluccio, Ottaiano, Bracigliano, Salandra e Colleciovino, após vendidos por seus descendentes no correr do século XVI; comprou o Feudo de Andria em 1552 e iniciou a tentativa para a obtenção do título de Duque d'Andria, mas morre antes de ser nomeado Duque; vende o castelo e o Feudo de Roccasicone em 10-12-1552; Governador de Torre del Greco. Casado, em 26-5-1533 com Porzia Carafa, filha de Pietrantonio Conde de Policastro e de Laura de Tolomei .

1b) Orazio (+ antes de 22-1-1554), Patrizio Napoletano.

2b) **Antonio** (* 7-1541 + 2-12-1565), 4º Conde de Ruvo a partir de 1554 e Patrizio Napoletano, 1º Duca d'Andria com Privilegio de 22-2-1556 (Compreendendo o Feudo de Castel del Monte). Casado em 1551 com Andreanna Carafa, filha de Andrea Senhor de Rodi e de Lucrezia Pignatelli (+ post 30-7-1590)

1c) **Don Fabrizio** (+ assassinato, Napoli 16/26-10-1590), 2º Duque d'Andria e 5º Conde di Ruvo a partir de 1565, Patrizio Napoletano. Casado em 17-12-1577 com Donna Maria Carafa, filha de Don Luigi Príncipe de Stigliano e de Lucrezia del Tufo dei Marchesi di Lavello (+ post 12-6-1601)

1d) **Don Antonio** (* 1583 ca. + 27-11-1621), 3º Duque d'Andria e 6º Conde de Ruvo dal 1590, Patrizio Napoletano, Barão de Capriati, Senhor de Cioriano, Santa Maria di Oliveto, Fossaceca e Capriati por herança de sua esposa, mas renuncia a Boiano e Capriati em favor da cunhada Giulia de Lannoy. Casado em 1598 com Francesca de Lannoy, filha de Carlo de Lannoy e de Beatrice Folliero (+ 21-8-1656), herdeiro do Feudo de Capriati.

1e) **Don Fabrizio** (* 30-11-1599 + 6-8-1626), 4º Duque d'Andria e 7º Conde de Ruvo a partir de 1621, Patrizio Napoletano. Casado em 6-1-1619 com Donna Emilia Carafa, filha de Don Fabrizio 1º Príncipe de Roccella, herdeiro da terra de Corato (desde 3-2-1632) e de Giulia Tagliavia d'Aragona dei Principi di Castelvetrano (* 17-6-1598 + ?)

1f) **Don Antonio** (* 1619 ca. + 1-9-1644), 5º Duque d'Andria e 8º Conde di Ruvo a partir de 1626, Patrizio Napoletano.

2f) **Don Carlo** (* 1621 ca. + assassinado em 23-10-1655), 6º Duque d'Andria, 9º Conde de Ruvo e Senhor de Corato desde 1644, Patrizio Napoletano. Casado em 1648 Donna Costanza, filha de Don Pietro Francesco Orsini 10º Duque di Gravina e 1º Príncipe de Solofra, e de Dorotea Orsini dei Conti di Muro Lucano

1g) **Don Fabrizio** (+ 4-11-1670), 7º Duque d'Andria, 10º Conde di Ruvo e Senhor de Corato desde 1655, Patrizio Napoletano; vende a signorie de Moriano, Santa Maria di Oliveto, Fossaceca e Capriati em 6-2-1668, 1º Duque de Castel del Monte (título recebido com investidura em 1656). Casa-se com Margherita, filha de Diomedea Carafa, Patrizio Napoletano, e de Antonia Caracciolo (* 30-12-1651 + ?)

1h) **Don Carlo** (* 1668 + 29-3-1672), 8º Duque d'Andria, 2º Duque de Castel del Monte, 11º Conde de Ruvo e Signore de Corato a partir 1670, Patrizio Napoletano.

2h) (bastardo) Nicola (+ um pouco antes 1690), fu capitano nell'esercito spagnolo.

2g). Donna Emilia (* 6-3-1653 + 15-10-1702), renunciou a sucessão aos feudos paternos e estipulou um acordo com seu Ettore em troca de uma soma financeira. Casou-se em 18-6-1670 com Don Muzio Carafa Duca di Maddaloni (* 31-12-1645 + 6-7-1703)

3f) **Don Ettore** (* 4-6-1623 + 2-8-1686), 9º Duque d'Andria, 3º Duque de Castel del Monte, 12º Conde de Ruvo e Signore de Corato desde 1672, Patrizio Napoletano. Casado em 12-2-1673 com Donna Margherita di Sangro, filha de Don Giovan Francesco III 5º Príncipe de Sansevero e de Giovanna di Sangro dei Marchesi di San Lucido (* Torremaggiore 8-4- 1656 + 18-5-1742)

1g) **Don Fabrizio** (* 20-12-1673 + 18-10-1727), 10º Duque d'Andria, 4º Duque de Castel del Monte, 13º Conde de Ruvo e Signore de Corato dal 1686 e Patrizio Napoletano. Casado em Francavilla em 20-4-1699 com Donna Aurelia Imperiali, filha de Don Andrea 1º Príncipe di Francavilla e de Pellina Grimaldi, Princesa de Mônaco (* Genova 1-6-1678 + Napoli 20-11-1770)

1h) Donna Margherita (* Andria 4-4-1700 + 7-1-1731), monaca no Monastério de San Giovanni Battista desde 1717.

2h) **Don Ettore** (*11-4-1701 + 15-5-1764), 11º Duque d'Andria, 5º Duque de Castel del Monte, 14º Conde de Ruvo, 1º Marquês de Corato desde 1727 e Patrizio Napoletano; 4º Príncipe de Chiusano e Grande de Espanha de Primeira Classe por herança da linha dos Carafa di Chiusano desde 1742 (título que não é mantido pelos seus descendentes, por falta de Investidura do Rei da Espanha); possessor da terra de Paterno, Campolieto e Campodipietro; Vicario Generale da Terra de Bari e de Lecce, Gentiluomo com Exercício do Rei de Nápoles desde 1734, Cavaleiro da Ordem de San Gennaro e Gran Siniscalco do Reino de Nápoles. Casado em 30-6-1726 com Donna Maria Francesca de Guevara, filha de Don Inigo 7º Duque de Bovino e de Eleonora de Cardenas dei Marchesi di Laino (* Bovino 29-6-1710 + 4-3-1795)

1i) Donna Eleonora (* Napoli 19-11-1728 + Genova 1-3-1765) = Napoli 23-3-1743 Principe Don Giovanni Andrea IV Doria-Pamphili-Landi 12° Principe di Melfi (vedi/see)

2i) Una figlia (nata morta 1729/1730).

3i) Donna Margherita (* Andria 26-1-1731 + ?), monaca “suor Maria Riccarda” nel monastero di San Giovanni Battista a Napoli dal 1749.

4i) Donna Anna Maria (* Andria 5-2-1733 + 21-10-1814), monaca “suor Maria Reginalda” nel monastero di San Giovanni Battista dal 1753.

5i) Donna Maria Luisa (* Andria 10-8-1734 + 12-7-1834), monaca nel monastero di Santa Maria Donna Regina a Napoli dal 1753.

6i) Una figlia (nata morta ca. 1736).

7i) Don Riccardo (* 6-10-1738 + 11-1-1739), Patrizio Napoletano.

8i) Donna Maria Emilia (* 3-10-1739 + 1-10-1826), monaca nel monastero di Santa Maria Donna Albina dal 1758.

9i) **Don Riccardo** (* 13-1-1741 + 23-6-1797), 12° Duque d’Andria, 6° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato e 15° Conde de Ruvo desde 1764, Patrizio Napoletano desde 1764, Gentiluomo de Câmara com exercício dol Rei de Nápoles desde 1765. Casado em 14-2-1767 com Donna Margherita Pignatelli Aragona Cortés, filha de Don Fabrizio 8° Príncipe de Noia e de Donna Costanza de’ Medici dei Principi di Ottaiano (* 17-10-1740 + 30-5-1810)

1j) Donna Eleonora (* 27-11-1767 + Roma, infante).

2j) **Don Ettore** (* Andria 28-12-1768 + giustiziato, Napoli 4-9-1799), 13° Duque d’Andria, 7° Duque de Castel del Monte, 16° Conde de Ruvo, Marquês de Corato dal 1797 e Patrizio Napoletano, implicado na revolução napoletana de 1799.

3j) Don Fabrizio (* Andria 11-12-1769 + Sarzana 11-4-1787), Patrizio Napoletano.

4j) Donna Costanza (* 18-1-1771 + Napoli 30-9-1795) = 23-6-1793 Don Marco Sittico Altemps 6° Duca di Gallese

5j) **Don Francesco** (* 10-4-1772 + Portici 26-6-1844), 14° Duque d'Andria, 8° Duque de Castel de Monte, Marquês de Corato e 17° Conde de Ruvo desde 1799 e Patrizio Napoletano. Casado em 26-2-1803 com Donna Teresa, filha de Don Ferdinando Caracciolo dei Principi di Santobuono, Patrizio Napoletano, e de Donna Mariantonio Filomarino dei Duchi di Cutrofiano (* 20-8-1784 + 3-11-1852)

1k) Donna Margherita (* 16-10-1805 + 23-12-1891).

2k) **Don Riccardo** (* 1-6-1808 + 3-3-1849), 15° Duque d'Andria, 9° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato, 18° Conde de Ruvo e Patrizio Napoletano.

3k) **Don Andrea Antonio** (* 15-4-1809 + 12-5-1873), 16° Duque d'Andria 10° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato, 19° Conde de Ruvo e Patrizio Napoletano; Capitão de Fragata.

4k) Donna Carolina (* 10-1-1811 + 30-9-1836) = 16-2-1833 Angelo Granito 4° Marchese di Castellabate e Patrizio di Salerno (* 1812 + 29-6-1861).

5k) **Don Ferdinando** (* Napoli 30-10-1816 + ivi 15-11-1873), 17° Duque d'Andria, 11° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato e 20° Conde de Ruvo de 12-5-1873 a 15-11-1873, Patrizio Napoletano. Casado três vezes: em 12-6-1852 com Donna Maria Beatrice Revertera, filha de Don Domenico 6° Duque de Salandra e de Donna Gaetana di Sangro dei Príncipe de Sansevero (* 15-7-1821 + 22-9-1853) em segundas núpcias, em Napoli em 15-11-1855 com Donna Teresa Serra, filha de Don Giovanni Battista Marquês de Rivadebro e de Donna Giulia Serra dei Duchi di Cassano (* Napoli 27-2-1820 + ivi 30-6-1856) e em terceiras núpcias, em Nápoles, em

1-2-1858 com Donna Grazia Serra, filha de Don Giovanni Battista Marquês de Rivadebro e de Donna Giulia Serra dei Duchi di Cassano (* Napoli 1-9-1823 + ivi 24-1-1907)

1l) (do primeiro matrimônio) Don Francesco (* 24-4-1853 + 24-7-1854), Patrizio Napoletano.

2l) (do terceiro matrimônio) Donna Maria Margherita (* 29-12-1858 + 15-11-1865).

3l) (do terceiro matrimônio) **Don Riccardo** (* Napoli 11-12-1859 + ivi 19-10-1920), 18° Duque d'Andria, 12° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato, 21° Conde di Ruvo e Patrizio Napoletano (títulos reconhecidos pelo Reino da Itália com Decreto Ministerial de 27-10-1899); Senatore del Regno d'Italia. Casado em Roma, em 10-4-1885 com Donna Maria Enrichetta Capecelatro, filha de Don Antonio dei Duchi di Castelpagano, Patrizio Napoletano, e della Nobile Calliope Ferrigni Pisone (* Torino 12-9-1863 + Bomarzo 1941)

1m) Don Ferdinando (* 9-6-1886 + 24-11-1891), Patrizio Napoletano.

2m) **Don Antonio** (* Napoli 17-6-1887 + ivi 13-2-1956), 19° Duque d'Andria, 13° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato e 22° Conde de Ruvo desde 1920, Patrizio Napoletano; Cavaliere d'Onore e Devozione del Sovrano Militare Ordine di Malta, Cavaliere dell'Ordine della Corona d'Italia per merito di guerra e decorato di Medaglia di bronzo al Valore Militare. Casado duas vezes, a primeira vez em Roma, em 30-12-1915 Fiammetta, filha do Conde Edoardo Soderini e de Emilia de Frankenstein (* Roma 6-7-1892 + Napoli 23-2-1920); e pela segunda vez em Nápoles, em 21-6-1936 com Letizia de Zerbi (* Napoli 1-10-1900 + ivi 17-3-1971).

1n) (do primeiro matrimônio) Donna Brianna (* Roma 17-6-1924 + ivi 1979)

casada com Giovanni Caressa de Vincentiis (* Roma 17-5-1924 + ivi 26-12-1983), divorciada

2n) (do segundo matrimônio) **Don Riccardo** (* Napoli 14-7-1937), 20° Duque d'Andria, 14° Duque de Castel del Monte, Marquês de Corato e 23° Conde de Ruvo desde 1956, Patrizio Napoletano casado em Nápoles, em 10-3-1973 com Leda de Prisco

1o) Donna Paola (* Napoli 16-12-1973).

3m) Donna Adriana (* 21-2-1890 + 31-7-1892).

4m) Donna Eleonora (* Napoli 2-1-1893 + ?) = 4-2-1918 Conte Luigi Cillis Bianco Marchese di San Giovanni del Celsito e Patrizio di Benevento (* 17-11-1874 + 7-6-1959).

5m) Donna Maria (* e + 3-9-1894).

6m) Don Gennaro (* e + 3-9-1894), Patrizio Napoletano.

7m) Donna Vittoria (* Napoli 25-1-1899 + ?) = Alessandro Gavardo Nobile di Capodistria (* Trieste 19-3-1891 + Torre del Greco 25-6-1960).

8m) Donna Brianna (* Napoli 13-3-1905 + Roma 15-1-1954)= Torre del Greco 3-1943 Percy de Bosis

4l) (do segundo matrimônio) Don Ettore (* Napoli 5-12-1860 + 1926), Patrizio Napoletano. Casado em 27-11-1895 com Maria Fuchs (* 13-10-1863 + 1-4-1915).

1m) Donna Laura (* Napoli 1-8-1904 + ?) = Napoli 30-5-1935 Eric Wesselow

2m). Don Fabrizio (* Napoli 22-7-1905 + ?), Patrizio Napoletano.

5l) (do segundo matrimônio) Donna Maria Giulia (* Napoli 5-12-1860 + ivi 22-8-1924) casado em Nápoles em 11-2-1888 com Don Livio Serra dei Principi di Gerace

6l) (do segundo matrimônio) Don Giovan Battista (* Napoli 8-3-1862 + ?), Patrizio Napoletano. Casado em Nápoles em 24-3-1887 com Augusta, filha de Andrea Conte del Medico e de Erminia Pio di Savoia

1m) Donna Maria Grazia (* Napoli 6-8-1889 + ivi 1952).

2m) Don Andrea (* Napoli 14-9-1890 + ivi 8-12-1948), Patrizio Napoletano.

7l) (do segundo casamento) Don Carlo (* Napoli 16-7-1864 + ivi 10-11-1952), Patrizio Napoletano. Casado em Nápoles em 9-4-1888 com Donna Giovanna Marincola, filha de Don Fabio dei Duchi di Petrizzi e de Donna Rosa de' Medici dei Principi di Ottaiano (* 17-12-1865 + Roma 19-10-1951).

1m) Don Fabio (* Napoli 18-7-1889 + Roma 11-2-1977), Patrizio Napoletano; Cavaleiro de Honra e Devoção da Ordem Militar e Soberana de Malta, Bailio-Cavaleiro da Grã-Cruz de Honra e Devoção da Sacra Ordem Militar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa, Comendador della Corona d'Italia, Comendador da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro, decorato di 4 Croci di guerra e della Medail of Freedom (U.S.A.) casado em primeiras núpcias em Rye, New York 11-6-1931 Renée Thornton, divorciado; e em segundas núpcias, em Roma 25-8-1946 com Hazel Jeanette Scribner

2m) Donna Giulia (* Napoli 23-9-1890 + Roma 15-1-1982) = Roma 14-4-1912 Benedetto Guglielmi dei Marchesi di Vulci (+ 1945).

3m) Donna Anna (* Napoli 11-2-1892 + ivi 18-11-1951).

4m) Don Ettore (* Napoli 22-1-1895 + ivi 31-12-1966), Patrizio Napoletano, Cavaliere d'Onore e Devozione del Sovrano Militare Ordine di Malta, decorato di Medaglia di bronzo dal Valore Militare. = 1922 Laura Barracco, figlia del Barone Enrico e di Donna Maria Doria dei Principi d'Angri (* Napoli 17-10-1893 + 12-6-1982).

1n) Donna Maria (* Roma 18-4-1925)

2n) Donna Giovanna (* Roma 9-4-1928 o 1932 + ivi 9-4- 1999) casada com Giovanni Kojanec, Docente universitario (+ 14-8-2003).

5m) Don Ferdinando (* Napoli 2-8-1898 + Roma 30-10-1990), Patrizio Napoletano, Ammirante italiano, Cavaliere d'Onore e Devozione del Sovrano Militare Ordine di Malta, decorato di 4 croci di guerra. = Biarritz 29-4-1935 Rosalie Edwards (* Philadelphia, U.S.A. 2-1-1907 + Roma 23-4-1988).

1n) Don Paolo Oliviero (* La Spezia 9-3-1936), Patrizio Napoletano.

2n) Donna Marie Louise (* Firenze 9-4-1939) = 4-8-1984 Marchese Federico Cavriani (vedi/see)

3n) Don Carlo Fabio (* Firenze 7-6-1946), Patrizio Napoletano. = Roma 18-4-1968 Donna Gloria Theodoli, figlia di Don Mario dei Marchesi di San Vito e Pisoniano e Patrizio Romano e di Donna Beatrice della Posta dei Duchi di Civitella Alfedena (* Roma 2-5-1947).

1o) Donna Brianna (* Roma 1-2-1969) = Roma 19-5-1993 Filippo Gargallo dei Marchesi di Castel Lentini (* Roma 13-4-1966).

2o) Donna Beatrice (* Vancouver 30-1-1972) = Roma 12-6-1996 Conte Artico Gelmi di Caporiacco

3o) Donna Benedetta (* Montréal 25-10-1973).

6m) Donna Januaria (* Napoli 8-1-1903 + Roma 11-11-1982) casada em Roma, em 29-7-1926 com Carlo Pellicano, Nobile di Reggio Calabria (* Castellammare 29-4-1894 + Roma 22-2-1958)

6j) Donna Maria Giuseppa (* 22-4-1773 + 30-1-1834) = 16-11-1794 Don Nicola 2° Duca di Sangro (vedi/see)

7j) Don Carlo (* Andria 28-2-1774 + 20-9-1856), Patrizio Napoletano.

8j) Donna Maria Luisa (* Napoli 27-4-1776 + 16-6-1837)= 20-2-1803 Don Baldassarre Caracciolo 9° Principe di Santobuono (vedi/see)

9j) Don Gennaro (* 24-8-1778 + 21-8-1791), Patrizio Napoletano.

10i) Una figlia (nata morta nel 1742).

11i) Donna Maria Maddalena (* 6-10-1744 + 15-3-1832), monaca nel monastero di San Marcellino a Napoli dal 1763.

12i) Una figlia (nata morta nel 1745).

13i) Don Vincenzo (* 24-1-1747 + 1-11-1810), 5° Principe di Chiusano e Grande di Spagna di prima classe dal 1764, Patrizio Napoletano. = 12-6-1803 Vincenza dell'Amara (+ 24-11-1836).

1j) Don Raffaele (* 4-5-1796 + 26-10-1850), 6° Principe di Chiusano e Grande di Spagna di prima classe (titoli a cui rinuncia il 3-1-1848) e Patrizio Napoletano. = 13-2-1831 Donna Eleonora, figlia del Duca Don Giovanni Battista Capece Piscicelli e di Donna Carolina Imperiali dei Principi di Sant'Angelo dei Lombardi (+ 28-1-1891).

1k) Don Vincenzo (* Andria 1 e + ivi 18-10-1831), Patrizio Napoletano.

- 2k) Don Vincenzo (* Andria 19-2-1833 + ivi 19-1-1834), Patrizio Napoletano.
- 3k) Donna Filomena (* Andria 10 e + ivi 23-12-1834).
- 4k) Don Vincenzo (* Andria 29-4-1836 + 17-11-1875), Patrizio Napoletano, morto povero.
- 5k) Donna Carolina (* Andria 6-3-1838 + 21-2-1899).
- 6k) Donna Maddalena (* Andria 6-3-1840 + Napoli 12-6-1887) = 12-5-1883 Don Luigi Duca Capece-Piscicelli, Patrizio Napoletano (* 5-2-1821 + post 1895), suo zio.
- 7k) Donna Maria (* Andria 13-7-1842 + Roma 17-7-1895).
- 8k) Donna Maria Giuseppa (* Andria 3-3-1844 + 2-2-1846).
- 9k) Donna Maria Luisa (* Andria 27-1-1846 + 16-4-1894) = 10-8-1867 Fortunato Mandara
- 10k) Donna Teresa Maria (* Andria 31-1-1849 + 25-2-1885) = 24-3-1868 Tommaso de Rosa
- 11k) Donna Riccarda (* Andria 27-4-1850 + ?) = 28-3-1874 Giovanni Giuseppe Mostrapasqua
- 2j) Donna Maria Francesca (* 3-11-1803 + Campolieto 7-1-1867) = 18-3-1820 Francesco Zanucci
- 3j) Donna Maria Antonia (* 15-10-1805 + 5-6-1837).
- 14i) Donna Maria Monica (* 28-8-1749 + 12-4-1818) = 10-7-1770 Don Urbano Colonna Barberini di Sciarra 6° Principe di Carbognano
- 3h) Don Andrea (* Andria 3-4-1702 + 10-9-1790), Patrizio Napoletano, soldato.
- 4h) Don Carlo (* Andria 9-4-1704 + ivi 30-4-1806), Patrizio Napoletano, Cavaliere dell'Ordine di Malta dal 1716, Cavaliere dell'Ordine di San Gennaro dal 1772.
- 5h) Don Oliviero Maria (* 1705 + Andria 8-11-1771), Patrizio Napoletano, Abate del monastero benedettino di San Severino dal 1748.

- 6h) Don Scipione (* 1706 + ?), Patrizio Napoletano.
- 7h) Don Fabrizio (* postumo, Andria 29-11-1707 + ?), Patrizio Napoletano, gesuita.
- 2g) Don Antonio (* 1675 ca. + 14-12-1762), Patrizio Napoletano, Cavaliere dell'Ordine di Malta dal 1680, detto Duca di Castel del Monte.
- 3g) Don Francesco (+ post 1736), Patrizio Napoletano.
- 4g) Don Carlo (+ giovane), Patrizio Napoletano, Cavaliere dell'Ordine di Malta.
- 4f) Don Girolamo (* 1624 + 22-4-1671), Patrizio Napoletano.
- 5f) Don Vincenzo (* 1625 + ?), Patrizio Napoletano.
- 2e) Donna Maria Anna (* 25-2-1605 + infante).
- 3e) Donna Porzia (* 9-8-1608 + Piedimonte di Alife 11-8-1652), casada duas vezes, a primeira em 11-9-1625 com Don Ferdinando Caracciolo 3° Duque de Airola; e a segunda em 20-11-1629 com Don Alfonso Gaetani dell'Aquila d'Aragona 3° Duque de Laurenzana
- 4e) Don Carlo, Patrizio Napoletano.
- 5e) Don Vincenzo, Patrizio Napoletano.
- 6e) Don Scipione, Patrizio Napoletano.
- 2d) Don Vincenzo (* 9-3-1585 + 8-6-1649), Patrizio Napoletano, Generale spagnolo dal 7-1-1646.
- 3d) Don Luigi (* 1586 ca. + 1654), Patrizio Napoletano, Monge Beneditino desde 8-12-1605.
- 4d) Don Scipione (* 26-7-1588 + 19-11-1665), Patrizio Napoletano, Cavaleiro da Ordem de Malta, e depois Monge Beneditino
- 5d) Donna Porzia (* 2-10-1589 + 22-2-1657) = 26-3-1605 Francesco Pignatelli 4° Marchese di Spinazzola (vedi/see)
- 6d) Don Fabrizio (* postumo 8-12-1590 + ?), Patrizio Napoletano
- 2c) Donna Porzia (+ 5-10-1600), casada em 20-10-1583 com Don Iñigo de Guevara 2° Duque de Bovino
- 3b) Crisostoma (* 1542 ? + 13-4-1591), casada em 1557 com Marino Caracciolo, Príncipe de Avellino

4b) Vincenzo dito “il Priore d’Ungheria” (* 1-7-1543 + 7-11-1611), Patrizio Napoletano, Abate Comendador de San Giovanni in Lamis desde 1549, Cavaleiro da Ordem de Malta desde 25-4-1565, Grã-Cruz e Prior da Hungria desde 1565, Coronel em Taranto em 1570, General da Cavalaria espanhola em 1575, Coronel Comendante de Infantaria em 1576, Mestre de Campo e General de Infantaria, Consigliere de guerra de Alessandro Farnese, Embaixador da Ordem de Malta em Roma em 1591, Comendador de Cicciano e Prior de Capua; foi famoso Condottiero a serviço da Ordem de Malta e da Espanha.

1c) (bastardo e legitimado) Giulio, herdeiro de muitos bens paternos. Casou-se com Maria Menna, di Ruvo

1d) Flaminio (+ 16-8-1643), compra o feudo de Baranello em 6-9-1621 e torna-se seu primeiro Marquês, compra o feudo de Binetto. Casa-se em 14-9-1621 com Donna Maria Coscia, filha de Don Fabrizio dei Duchi di Sant’Agata, Patrizio Napoletano, e de Virginia Gambacorta

1e) Francesca Antonia (+ 14-5-1644), Marquesa di Baranello e Binetto dal 1644. Casa-se com Don Scipione di Diomede Carafa dei Duchi di Maddaloni

2e) Virginia Francesca (* Baranello 1-11-1627 + 22-8-1650), Marquesa de Baranello e Binetto desde 1644 (Investidura em 1-2-1650), vende o feudo em 22-7-1650. Casa-se em 8-5-1644 com Don Giuseppe Carafa dei Duchi di Maddaloni

2d) Delia (+ post 2-7-1634) = Decio Carafa dei Signori di Mariglianello

5b) Francesco (+ 11-1-1606), Patrizio Napoletano, Cavaleiro da Grã-Cruz da Sacra Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa, recebe herança paterna e parte para a Espanha como Gentiluomo di bocca, em 4-12-1594 comprou o feudo de Bitetto e dele torna-se seu primeiro Marquês em 20-2-1595, Presidente da Província de Abruzzo em 1600. Casa-se duas vezes, a primeira em 10-5-1573 com Eleonora (Dianora), filha de Bernabò Caracciolo Signore de Sicignano e de Margherita Caracciolo d’Aragona dei Signori di Pisciotta (+ 1574), já viúva de Pardo Pappacoda 3º Barão de Larino; casa-se em segundas núpcias em 1576 com Giovanna, filha de Ferdinando de Cardenas dei Conti di Acerra e de Ippolita Carafa.

1c) (do segundo matrimônio) Antonio, 2º Marquês de Bitetto desde 1606, vende o feudo em 1608; Patrizio Napoletano, Cavaleiro da Grã-Cruz da Sacra Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa. Casa-se duas vezes, a primeira com Donna Vincenza Acquaviva d’Aragona, filha de Don Antonio Signore di Casamassima, dei Duchi d’Atri, e a segunda em 1616 com Isabella Salazar, filha de Andrea Conde de Vaglio e de Giovanna Caracciolo (+ Palermo 15-1-1666).

1d) (do primeiro casamento) Francesco (+ giovane), Patrizio Napoletano.

2d) (do segundo casamento) Girolamo, Patrizio Napoletano, Bailio-Cavaleiro da Grã-Cruz da Sacra Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa, ajudante de campo do Duque de Alvito, Grão-Mestre da Ordem. Casa-se em Palermo, em 6-6-1646 Francisca Valenida.

3d) (do segundo casamento) Cesare, Patrizio Napoletano, Cavaleiro Grande Oficial da Sacra Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa. Casa-se Rosalia Rinchon de Astorga.

1e) Francesco (* Palermo 2-7-1653 + ?), Patrizio Napoletano.

2e) Anna (* Messina + ?), casa-se duas vezes, a primeira em Palermo, em 19-1-1681 com Andrea Ciacomio, e a segunda em 7-6-1699, com Francesco Valenza

4d) (do segundo casamento) Giovanna (* 28-10-1624 + ?), foi a mãe do primeiro Duque de Castropignano. Casada com Francesco d'Eboli

2c) (do segundo casamento) Vincenzo (* 4-11-1578 + ?), Patrizio Napoletano, Cavaleiro da Ordem de Malta desde 1586, Capitão de Cavalaria.

3c) (do segundo casamento) Carlo, Patrizio Napoletano, Cavaleiro da Ordem de Alcantara desde 1618. Casa-se em 28-6-1609 com Luisa, filha e herdeira de Diomede Carafa 1º Barão de Sant'Angelo a Scala e de Antonia Salernitani (* 14-2-1591 + 6-2-1672)

4c) (do segundo casamento) Orazio (+ infante), Patrizio Napoletano.

5c) (do segundo casamento) Porzia (* 8-6-1582 + ?).

6c) (do segundo casamento) Anna. Casa-se em 19-11-1605 com Don Scipione Luigi Sanseverino 1º Duque di San Donato

7c) (do segundo casamento) Fabrizio (* 26-9-1586 + 9-3-1651), Patrizio Napoletano, Bispo de Bitonto desde 24-1-1622.

8c) (do segundo casamento) Caterina, Dama da Sacra Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa. Casa-se em 22-10-1616 Don Ottavio Carafa, Marquês d'Anzi e 1º Príncipe de Belvedere (* 5-4-1589 + 8-12-1652).

9c) (do segundo casamento) Ferdinando, Patrizio Napoletano.

5a) Giulia (* 1517 + 4-3-1582), casa-se em 26-3-1533 Giovan Battista Carafa Conde de Policastro

6a) Francesco (* 1518 + 30-7-1544), Patrizio Napoletano, Arcebispo de Napoli desde 1540.

7a) Giovan Tommaso (* 1520 + 28-11-1568), Patrizio Napoletano, Senhor de Valenzano e Sarano por herança do tio Giacomo; 1º Marquês de Sant'Eramo título recebido em 15-7-1568; compra a terra de Pascaroli por 12.000 ducati em 1561. Casa-se duas vezes, a primeira com Teresa de Guevara, filha di Giovanni 4º Conde de Potenza e de Porzia de' Tolomei dei Baroni di Racle. E em segundas núpcias com Isabella, filha de Marcello Caracciolo, Patrizio Napoletano (+ 1574)

1b) Ottavio (+ poco dopo 1-3-1585), 2º Marchese di Sant'Eramo, Signore di Sarano, Morsana e Pascaroli e Patrizio Napoletano; vende Valenzano alla morte del padre per pagare i debiti lasciati da questo. Casa-se duas vezes a primeira com, Eleonora Caracciolo, filha de Ferrante, Marquês de Castellabate (+ 7-1574); e em segundas núpcias em 23-10-1581 com Donna Camilla, filha de Don Ferdinando Carafa, Duque de Nocera.

1c) (do segundo casamento) Isabella (+ 1-3-1585).

2b) Carlo, Patrizio Napoletano, Colonnello di fanteria spagnola.

3b) Porzia (* 19-1-1554 + Napoli 27-8-1618), Herdeira do Marquesado de Sant'Eramo. Casa-se em Nápoles, em 15-1-1574 com Giambattista Caracciolo Senhor de Monte Ferrante, Patrizio Napoletano.

4b) Ippolita = 1-9-1577 Baldassarre Caracciolo 1º Marquês de Binetto

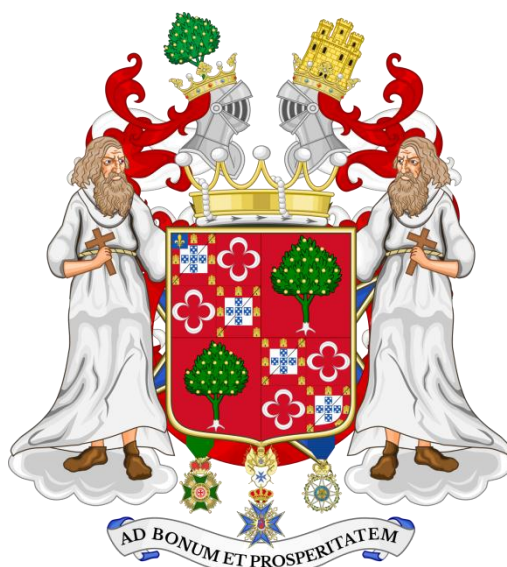
5b) Camilla (+ post 1608). Casa-se com Ottavio Pignatelli Barão de Regina

6b) Silvia, Monja no Monastério del Gesù em Nápoles.

7b) Marzia, Monja no Monastério del Gesù em Nápoles.

8a) Oliviero (* 1522 + ca. 1544), Patrizio Napoletano, Bispo Titular de Anglona desde 6-9-1536.

Dona Maria II – A rainha da regeneração



Por Sir João Paulo Oliveira de Sousa
Ritter von Oliveira de Sousa
Cavaleiro da Ordem Dinástica, Militar e Religiosa da Milícia Cristã de Nossa
Senhora da Imaculada Conceição;
Cavaleiro da Ordem Militar de São Teodoro Mártir;
Cavaleiro da Ordem da Rosa de Mesolcina para Ciência, Mérito, Cultura e Arte.

Era um domingo de ramos, exatamente no dia 4 de abril de 1819, quando nascia no Palácio de São Cristovão aquela que viria a ser a única rainha reinante europeia a nascer em solo americano, era Maria da Glória de Habsburgo e Bragança, filha dos príncipes do reino unido de Portugal, Brasil e Algarves, futuros imperadores do Brasil e reis de Portugal, dom Pedro I/IV e sua consorte dona Leopoldina de Habsburgo-Lorena, arquiduquesa da Áustria.

Em 1821 dom João VI retorna para Portugal e no ano seguinte dom Pedro declara a independência do Brasil. Após alguns de guerra Portugal reconhece a independência do Brasil e dom Pedro é novamente incluído na linha sucessória portuguesa, um ano após o Tratado do Rio de Janeiro morre dom João VI em Portugal e dom Pedro I é agora também dom Pedro IV de Portugal, porém abdica em favor de sua primogênita e ela deixa de ser dona Maria da Glória para ser dona Maria II, rainha de Portugal, aos sete anos de idade. No final do mesmo ano falece dona Leopoldina.

Dona Maria II casa-se com seu tio dom Miguel e ele é enviado a Portugal depois de prestar juramento à constituição. Dona Maria II está no Brasil e dom Miguel dá um golpe e se proclama rei de Portugal. Dom Pedro I que estava com um imenso desgaste de sua imagem política e pessoal é obrigado a abdicar e assim o fazendo retorna para a Europa e trava uma guerra civil contra dom Miguel e acaba ganhando o irmão mais novo.

Uma vez reposta no trono, dona Maria II, vê seu pai falecer de pneumonia, mas antes ele deixa seu cunhado, Augusto de leuchtenberg, Duque de Santa Cruz como seu noivo. Eles se casam em 1835 e dom Augusto falece dois meses depois. No ano seguinte dona Maria II casa-se com Fernando de Saxe-Coburgo-Gota, que era aparentado com o rei Leopoldo da Bélgica, com a rainha Vitória e seu consorte o Príncipe Albert. Foi um casamento feliz e ambos tiveram 11 filhos. Foi no parto do décimo primeiro filho que dona Maria II falece com apenas 34 anos, deixando seu primogênito, dom Pedro V no trono com apenas 16 anos, ficando seu pai como regente até o mesmo completar 18 anos.

Dona Maria II foi uma extraordinária rainha, viveu uma época de agitações, guerras e revoluções por toda a parte. Recebeu uma coroa em uma situação dramática e deixou esta mesma coroa numa estabilidade grande. Foi uma monarca que respeitou e soube se fazer respeito nos jogos políticos da democracia, foi uma monarca que soube ganhar o respeito e a admiração de seus próprios inimigos e isso é extraordinário.

A Análise da Importância da Nobreza Atual



Por Victor Hugo Medeiros Ricardo,
Condecorado com a Cruz de Serviço, em Prata, da Ordem da Rosa de Mesolcina
para a Ciência, Mérito, Cultura e Arte
Aspirante a Cavaleiro da Ordem Militar de São Teodoro Mártir

69

A nobreza vai além. Todo o glamour e toda o requinte tornam-se peso de papel quando da nobreza se apresenta um título vazio. Durante toda a existência da humanidade o ser humano busca referências. Essas eram procuradas nos mais altos escalões daquelas sociedades e seus patrícios nem sempre eram exemplos de moralidade e de uma vida que hoje consideramos correta. Com a chegada do cristianismo, as bases da Santa Fé nos fizeram ter uma sociedade cristã onde os princípios do certo e do errado estavam baseados na lei de Deus, na tradição, e na fé que professa a Santa Igreja.

Com isso o que tínhamos como base do "ser um patrício", que era voltado única e exclusivamente para o poder, tornou-se voltado agora para a responsabilidade que se deveria ter com o dever do homem cristão e aí sim como costumamos chamar nobre. A monarquia ainda no mundo contemporâneo, está na mente e no inconsciente do ser humano, tanto sua importância histórica e política, quanto a magia que se coloca aos olhos das crianças que sonham com os príncipes, reis e castelos encantados. Todas estas histórias de cavaleiros, condes, duques, heróis, príncipes perfeitos e símbolos de moralidade e honra são baseadas nas tradições e nas histórias do que de fato ocorreu na idade média nos tempos da saudosa monarquia.

Conclui-se que a nobreza deve mais dever com o povo e o cidadão de bem do que os privilégios a que a mente popular muitas vezes a ela concede. Sejam os homens plebeus ou patrícios, mais nobres não só por titulação mas por atitude e honradez, seguindo a fé e a bondade que grita em seu coração, sendo exemplo da verdadeira nobreza, e que assim todo homem seja rei, não de título mas de verdadeira honra, virtude e nobreza!

*Deus salve o Príncipe!
Deo Favente!*

Imagem da Heráldica:



Brasão de Dom Lamoral Carlos Eduardo Omodeo Augusto Leopoldo Antônio José Maria Tasso de Saxe-Coburgo-Koháry e Bragança, Barão von Taxis-Bordogna und Valnigra. Brasão representando, por base, suas Armas paternas, da família Taxis-Bordogna und Valnigra, tendo ao centro o escudete do Ramo Dinástico dos Saxe-Coburgo-Koháry e Bragança, do qual é o atual representante dinástico. Sobre o escudo a Coroa de Barão à moda germânica. Ao redor do escudo, o colar de Bailio-Cavaleiro da Grã-Cruz de Honra e Devoção da Ordem de Malta.

Desenho de Andre Fürst von Trivulzio-Galli.